

NEUROSES ECLESIAÍSTICAS

e o Evangelho para Crentes

– uma análise preliminar –

Karl Kepler

capa: Wilson Tonioli

Agradeço às várias pessoas que contribuíram para este esforço de auto-exame, em especial à Vera, e também ao casal Leandro e Vanessa pelo incentivo, à Thais pela diagramação, e à Solange e ao Rev. Ricardo pelas dedicadas revisões.

ÍNDICE

I As Más Notícias Uma Análise Preliminar

O Mal-Estar da Igreja

Loucura?
Frustração?
Desconfiança?
Pasteurização?

Investigação

1. O Clima dentro das Igrejas
2. O Clima das Pregações
3. O Clima do Louvor e Adoração
4. O Clima no Coração dos Cristãos
5. A qualidade de nossa membresia - a roda viva

Diagnóstico Tentativo

Outras Possibilidades
Medo
Afastamento Involuntário da Verdade

II As Notícias Boas o Evangelho para Crentes

1. O Cumpridor de Promessas

- 1.1 Vinde a Mim
- 1.2 A Paz nas Aflições

2. Auto-Imagem

3. Pecado e Santificação

4. Fé e Não-Vista

5. Nossa Imagem de Deus

6. O Lugar dos Sofrimentos

7. A Mudança de Aliança

8. A Liberdade

9. A Ceia

Este livro tem a esperança de ajudar-nos a lidar com nossas insatisfações com nossas igrejas. Trata-se de um primeiro exame, uma análise preliminar: não pretende ser um estudo completo, nem abranger a situação de toda a rica variedade de denominações existentes no Cristianismo. O que esperamos é examinar alguns pontos que podem ser causa de sofrimento para muitos irmãos e irmãs de fé. Uma vez identificados os potenciais problemas – as tais neuroses –, procuraremos nas Escrituras, à luz do evangelho de Jesus Cristo, padrões que nos ajudem a encontrar caminhos mais saudáveis, seja como igreja, seja como indivíduos.

Como ensinou nosso Senhor, o médico vem para os doentes, não para os sãos; por isso, começamos primeiro com as más notícias: a difícil tarefa de olharmos para nossos problemas (nossas doenças), para depois olharmos para a visita e o tratamento a receber do médico dos médicos.

I - AS MÁS NOTÍCIAS

Uma Análise Preliminar

A hora agora é de recebermos notícias más, e nunca é agradável falar de coisas ruins. Mas vamos acreditar no que o Senhor Jesus disse: “a verdade vos libertará” - mesmo se essa verdade não for tão bonita quanto gostaríamos que fosse. Como compensação, na hora das boas notícias, novamente será a verdade quem vai nos ajudar.

Antes, porém, de falar dos nossos problemas, quero aqui reconhecer e testemunhar que a Igreja faz muito bem para muita gente. Ao longo de 2.000 anos de Cristianismo, são muitas as pessoas que encontraram na igreja o caminho do evangelho de Jesus Cristo, endireitaram suas vidas, recuperaram-se socialmente, emocionalmente, e passaram a viver muito melhor o restante de suas vidas nesta terra, sem falar na vida eterna nos céus. Isso não pode e nem pretende ser negado aqui. O convite deste livro é para observarmos a verdade de que, além de ter feito bem a muita gente, essa mesma igreja também tem feito muitas pessoas sofrerem - inclusive nós mesmos, às vezes. No dizer do apóstolo Paulo, “se nós julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” (I Co 11.31). Esta é a intenção deste livro: um auto-julgamento, na esperança de, com a ajuda de Deus nesse auto-exame, virmos a ser mais aperfeiçoados, cristãos melhores e mais saudáveis.

O MAL-ESTAR DA IGREJA

A má notícia é que não estamos tão bem assim. Embora muitos líderes de grandes congregações e ministérios pensem de modo diferente, as constatações de muitos gabinetes pastorais e de também de consultórios psicológicos se juntam às daqueles que sentem que a igreja não está bem. E não está bem porque os crentes não estão bem.

No meio de uma sociedade que vai adoecendo seus relacionamentos, a Igreja não tem se saído muito melhor. Buscamos aqui as “neuroses de igreja”

- ou “neuroses eclesiogênicas” - adoecimentos, especialmente emocionais, que são típicos de quem participa da vida de uma igreja, e ali aprendeu a se relacionar com Deus. Neuroses são definidas como um adoecimento de origem psicológica, em que os sintomas (o comportamento que se vê) são a expressão simbólica de um conflito psíquico.¹ Não tenho a pretensão de fazer uma análise completa e abrangente de todos os quadros e tipos - nossas igrejas diferem muito entre si e minha capacidade é bastante limitada. Mas há sinais de doença emocional mais evidentes e que trazem sofrimento a muitos - vamos tentar nos focar nestes.

Não se pode considerar uma igreja boa quando seus membros não se sentem bem. Muitas vezes os membros das igrejas parecem presos a uma estrutura circular, repetitiva, em que só podem receber a graça de Deus os que estão muito mal, muito necessitados ou infantilizados (como, por exemplo, os que fazem fila para receber a unção ao final dos cultos dos irmãos neopentecostais, ou os que pedem oração publicamente nos cultos dos irmãos tradicionais). Enquanto isso, a igreja incentiva testemunhos de vitória, exemplos de seriedade e compromisso, grandes conquistas, coisa que crentes infantis se sentem incapazes de oferecer. As igrejas podem até estar cheias, mas o que aconteceria se, apenas como exemplo, desligássemos os microfones e os instrumentos musicais? Os crentes provavelmente “acordariam” para sua realidade, se perceberiam mais distantes uns dos outros, sem muita coisa para assistir, mais abandonados e carentes do que realmente lhes faria bem - contato real, humano, amoroso e edificante - e provavelmente muitos se afastariam das reuniões.

Mas essas constatações de um mal-estar na igreja precisam de mais fundamento. Que sinais enxergamos do mal-estar entre os crentes?

Loucura?

Um sinal bastante intrigante é encontrado nos sanatórios, hospitais psiquiátricos para doentes mentais em estado grave. Embora atualmente muito combatidos (por boas razões, diga-se), os sanatórios também estão cheios, e com muitos irmãos evangélicos entre os pacientes. Isso poderia apontar duas coisas: ou a igreja estaria enlouquecendo as pessoas que a procuram, ou talvez a igreja seria procurada por pessoas que estão enlouquecendo e não consegue

1 conforme Laplace/Pontalis, Vocabulário da Psicanálise, São Paulo, Martins Fontes Editora, 1983.

recuperar sua saúde mental. É claro que isso não é tão simples assim - em muitos casos a igreja alivia o sofrimento psicológico dos que a procuram. Para nosso propósito, por enquanto, tomemos os sanatórios cheios de evangélicos apenas como um sinal de que algum problema deve haver; mas ainda não é suficiente para concluirmos nada.

Frustração?

Um segundo sinal: o mundo está cheio de ex-crentes. Já nos anos 80, segundo o Jornal Batista, o número de ex-batistas no Brasil era praticamente igual ao número de batistas na ativa. Muito provavelmente isso também se aplica às demais denominações evangélicas tradicionais. Com o fenômeno das igrejas neopentecostais, uma nova safra de crentes evangélicos inundou o Brasil e, à medida que os anos passam e as promessas de prosperidade não se cumprem, uma nova safra de ex-crentes decepcionados deve estar voltando para as ruas, enquanto outros crentes começam uma “peregrinação” de igreja em igreja, intuindo que há alguma verdade salvadora nesse meio, mas não se sentindo seguros de a ter localizado. Essa massa de irmãos frequenta as “igrejas da moda”, que são duramente criticadas pelas igrejas mais estabelecidas, que não admitem sua parte de culpa nessa decepção coletiva.

Esse já é um sinal mais direto. Não esperamos que a igreja satisfaça a todos que a procuram. Mas decepcionar a tantas pessoas, dentre a pequena parcela da população que se decide a entrar nela, é sem dúvida mais um indicador de que há problemas sérios que não estão sendo tratados, uns nas igrejas tradicionais, outros nas pentecostais.

Desconfiança?

Um terceiro sinal: o receio em relação à ciência, especialmente as ciências humanas, tais como a Psicologia e a Sociologia. O grande desenvolvimento da ciência moderna teve em seu princípio muita participação de cristãos. Eram pessoas que se dedicavam à maravilhosa descoberta das coisas, dos seres, do universo, em suma, a contemplar as fantásticas obras de Deus. Com o tempo, o espaço dado a Deus foi encolhendo, e hoje a ciência tem fama de ser quase uma inimiga de Deus.

As ciências humanas investigam nossas motivações mais profundas, os de-

sejos diversos da alma humana, denunciando muitas incoerências que encontram, e a fé em Deus parece ser desafiada em todas as universidades (pelo menos é o que sentem muitos líderes cristãos). Felizmente, essa resistência tem diminuído, mas ainda persiste em grande parte do meio evangélico. E por que o crente tem medo de consultar um psicólogo? Primeiramente, talvez, porque é difícil para todo mundo admitir que temos problemas, e mais ainda quando aprendemos (e ensinamos) a cantar que Jesus é a solução de todos os nossos problemas. Além disso, temos medo de que o psicólogo vá nos encorajar a abandonar nossa fé, a abandonar nosso casamento, ou a própria igreja, etc. Provavelmente, mesmo sem isso estar claro para nós, temos receio da psicologia - e da universidade em geral - porque talvez ela poderia desmascarar nossos cânticos, questionar nossas certezas, e denunciar nossa moral que tão custosamente pregamos aos jovens e adolescentes. Se estivéssemos mais seguros de que aquilo que cremos e pregamos é sem sombra de dúvida a verdade, não deveríamos ter tanta desconfiança, não é mesmo?

Na verdade, nossa dificuldade não é apenas com a psicologia, ou com as ciências humanas, ou mesmo com a ciência em geral. Temos grande dificuldade é em lidar com críticas. E isso só revela nossa absoluta falta de hábito de nos criticar, de praticar a auto-crítica. I Coríntios 11:31 diz: “*se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados*”. Quantas vezes você já ouviu um sermão ou aula sobre esse texto? A crítica envolve a difícil tarefa de reconhecer erros, ouvir reclamações, parar nosso ritmo frenético de atividades e falas e se dispor a escutar, a refletir, a examinar, a criticar. A prática da crítica implica em aceitar, sempre, um certo montante de fracasso. E isso parece que não condiz com a postura de quem tem o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores a seu lado.

Pasteurização?

Mas ainda há um quarto sinal de que as coisas não vão tão bem assim conosco: a qualidade de vida que levamos. Qualidade, não em termos econômicos ou de conforto material, mas de “qualidade viva” mesmo. Nossa vida evangélica, no dia-a-dia, poderia ser chamada de “pasteurizada” (dos leites em saquinho), ou então UHT: como aqueles leites de caixinha, nossa vida sofreu um choque térmico altíssimo, e ficou estéril, infecunda, sem muito brilho nem

muita cor. As pessoas de fora da igreja consideram o crente como “aquele que não faz isso, não participa daquilo, não prova aquilooutro”, ou seja, uma identidade negativa. O crente é visto como um ótimo funcionário, bom trabalhador, mas péssimo para se conviver, sem disposição de se sociabilizar.

Na política, não queremos envolvimento (e muitos que o fazem são um péssimo exemplo, buscando apenas vantagens para si próprio). Das questões sociais, movimentos e reivindicações, queremos distância. Parece que temos medo do engajamento.

A bem da verdade, esses fenômenos não são privilégio da igreja, mas acontecem em escala ainda maior e igualmente doentia na cultura secular, em nossa sociedade “pós-moderna”, que, como ensina o Dr. James Houston, descobriu que estávamos sendo enganados por nossos heróis e nos jogou num caldeirão indiferenciado, onde tudo e nada têm praticamente o mesmo valor. Aqui, porém, tal qual no Apocalipse, vamos começar o julgamento pelo povo de Deus.

Uma área que pode exemplificar isso: a música. No meu trabalho tenho contatos com estúdios de gravação profissionais, músicos e técnicos de som; não são muitos, mas são muito bons no que fazem. Perguntei a esses amigos músicos seculares o que eles achavam das nossas bandas Gospel. Eles, com muito jeito para não me constranger (sabiam que eu era evangélico), responderam que os músicos tocam muito bem, têm boa técnica, mas que a música parece “sem alma”. Certinha, tecnicamente perfeita, mas sem alma.

Acho que é um bom retrato das nossas vidas: procuramos fazer tudo certo, da melhor maneira possível; mas, por alguma razão, não tem muito sabor, não tem muita vida. (E nós pregamos e cantamos que Jesus veio para que tenhamos vida, e vida em abundância...). Talvez por isso sejamos acusados de hipócritas, de não-autênticos. Mas isso também não é verdadeiro: olhamos para dentro de nós mesmos e sabemos que não estamos querendo enganar ninguém. Não é nossa intenção “fazer de conta” que somos espirituais. Corremos para Deus em oração, pedimos-lhe para sondar nosso coração, e sabemos que oramos com sinceridade. Mas nossa vida continua da mesma forma. Estamos preocupados, queremos acertar em tudo, pedimos a direção e ajuda de Deus, prestamos atenção nos sermões ou profecias, freqüentamos a igreja, mas nossa vida segue “pasteurizada”, meio viva, meio morta. A igreja não muda isso,

e parece que ela até reforça essa “pasteurização”. Há algo errado, e isso merece uma investigação.

INVESTIGAÇÃO

Quando há algo errado em nossa casa, vamos procurar encontrar o problema, até resolvê-lo. O convite, agora, é para “aprofundarmos as más notícias”. Vamos “entrar na igreja” para tentar descobrir o que está havendo, tentar identificar por quê uma comunidade que deveria estar gerando vida abundante está produzindo “semizumbis”, pouco vivos. Por que uma instituição que poderia ser terapêutica está ajudando a adoecer, e por que tantas pessoas que dela se aproximam saem frustradas após algum tempo?

1. O clima dentro das igrejas

O que uma ida aos templos e cultos das igrejas nos faz sentir? O que a Igreja, por si só - independentemente das pregações e canções - nos leva a lembrar, a pensar, a fazer? Arrisco algumas impressões: o ambiente da igreja (incluindo as pessoas que lá estão, durante algumas horas na semana) nos lembra da existência de Deus, como Alguém maior que nós, acima de nós, supremo, inquestionável. Estar na igreja nos lembra, ainda, da existência da eternidade, especialmente do Céu, mas também (principalmente para crianças) do inferno. Essas duas “impressões”, experimentadas dominicalmente, contribuem para um certo sentimento de pequenez a nosso respeito, como diz o Pregador de Eclesiastes: “Deus está lá em cima e tu aqui em baixo”. Isso tem sua verdade: Deus de fato é o Altíssimo, Todo-Poderoso; mas desde Jesus revela-se como “Emanuel”, Deus conosco.

Como contraponto ao distanciamento, lá dentro do prédio que convenciamos chamar de igreja desfrutamos de alguma convivência humana; temos amigos, às vezes temos rivais, há espaço para jovens conhecerem pessoas do sexo oposto. A participação em grupos menores fortalece as amizades, e mesmo os ensaios de corais ou bandas incrementam esses relacionamentos. Isso tudo é muito bom, e acontece “aqui embaixo, cá entre nós”, dentro da “casa de Deus”. Essa vida mais social nos torna afetivamente supridos, o que reforça a separação que muitas vezes é pregada, entre os crentes e “o mundo”. Imaginamos que Deus lá do alto nos abençoa e protege, e ao mesmo tempo condena o mundo lá fora.

E enquanto Deus é sentido “lá no alto”, aqui em baixo existe uma categoria de servos especiais dEle, que de certa forma O representam: são os pastores e pastoras e, no caso dos irmãos pentecostais, também os profetas e profetisas. É a eles que buscamos quando precisamos ouvir alguma orientação da parte de Deus, quando queremos “ouvir a palavra de Deus”. E, mesmo quando não procuramos, são eles que trazem a mensagem de Deus para nós, nas pregações dominicais (e nas eventuais profecias a nós dirigidas). Não dá para negar: mesmo que nós protestantes afirmemos a correta doutrina do “sacerdócio universal dos crentes”, no ambiente da Igreja praticamos uma separação entre ministros (pastores, anciãos, presbíteros, qualquer que seja o nome) e os irmãos e irmãs em geral, muito parecida com a diferenciação entre clero e leigos na igreja católica. Essa hierarquia amplia, no cristão comum, aquele sentimento de pequenez, de incapacidade própria.

Conseqüentemente, o mapa de atividade na igreja se parece muito com um estádio de futebol: muitos sentados assistindo e alguns poucos “heróis” correndo feito loucos, providenciando a “ação”. Como a igreja não é um clube de futebol, e como são esses poucos ativos os que fazem uso da palavra, é muito freqüente que eles confundam “viver para Deus” com “assumir alguma responsabilidade nesta igreja” (afinal, eles estão sentindo o desgaste na própria pele).

Isso nos leva à próxima área de investigação:

2. O Clima das Pregações

Tradicionalmente, temos dois tipos de pregação em nossas igrejas: os sermões para “os de fora”, chamados de sermões evangelísticos, e o sermões para “os de dentro”, para os crentes, os sermões doutrinários. As diferenças entre esses dois tipos são grandes, e bastante reveladoras. Nas mensagens evangelísticas a tônica é: “Deus te ama, e te aceita; venha para Jesus assim como está, e Ele perdoará os teus pecados; saia dessa vida e junte-se a nós”. Antigamente quase todas as igrejas tinham cultos no domingo pela manhã (dirigido aos crentes) e novamente à noite (dirigido aos visitantes, evangelístico). Hoje apenas alguns grupos mantêm essa prática. Mas o que é pregado aos crentes, para os que já aceitaram a mensagem evangelística, decidiram crer em Jesus e se integraram à igreja?

Nas últimas duas décadas tenho visitado muitas igrejas diferentes no Brasil,

tanto tradicionais quanto pentecostais, além de algumas católicas. É impressionante a semelhança do “tom” das mensagens. Quando falam aos crentes (que é a grande maioria dos casos), os pregadores sempre estão cobrando alguma coisa, sempre mostrando a necessidade de algum aperfeiçoamento. É verdade que entre os irmãos neopentecostais as pregações têm algumas características próprias, criando um clima parecido com o do Êxodo, em que Israel saiu do Egito e está a caminho de tomar posse da Terra Prometida. Mas o efeito sobre a audiência, apesar das grandes diferenças externas, internamente é semelhante: os irmãos neopentecostais são compelidos a virem à frente receber uma unção do pastor/pregador para que sua vida melhore (até o domingo seguinte, quando o procedimento será repetido); já os pentecostais e tradicionais saem do culto compenetrados com alguma virtude que ainda lhes falta. Voltando à figura do estádio de futebol: os pastores sabem que esse jogo não é apenas para os 22 em campo e não se conformam com a falta de participação da audiência. Essa frustração com a igreja transparece em muitas pregações. As frases mais ouvidas são de necessidade de compromisso, de seriedade, de obediência (às vezes em troca de proteção ou bênção). O sentimento transmitido é que Deus lá do alto está insatisfeito com você; você precisa se dedicar mais, ou ler mais a Bíblia, ou orar mais; ou evangelizar mais; ou jejuar, ou combater mais o pecado; etc., etc.

Até coisas prazerosas foram transformadas em dever. Amar aos irmãos, ter comunhão com Deus, ajudar a diminuir sofrimentos dos outros, tudo é lido e ouvido sob a ótica do dever, do mandamento a ser obedecido. Recentemente examinei a revista de Escola Dominical de uma grande denominação evangélica. Fiquei impressionado como tudo o que estava escrito no trecho bíblico estudado (além de muita coisa que nem estava no texto) era transmitido como se fosse o 11o. e o 12o. mandamentos.

Provavelmente aqui estamos em contato com uma importante fonte de nossos problemas. Quem atendeu ao apelo que dizia “Vinde a mim, vós que estais cansados e sobrecarregados, e achareis descanso para vossas almas”, agora só ouve mensagens (pregadas em nome do mesmo Deus) que exigem mais empenho, mais engajamento, mais esforço... Cadê o descanso prometido?

No meio de tantas cobranças, ainda somos levados a cantar “Satisfação é ter

a Cristo, não há maior prazer já visto” (ou versões mais modernas da mesma mensagem). E ainda insistem para cantarmos com entusiasmo! Isso não pode ser saudável...

Aproveitemos e examinemos um pouco também dessa área das nossas igrejas:

3. O Clima do Louvor e Adoração

Também aqui encontraremos, dito de forma simplificada, pelo menos dois formatos diferenciados (vejam novamente nossa “capacidade” de nos dividirmos): o formato “tradicional” e o “avivado” ou pentecostal. E tentando ficar no meio do caminho, algumas igrejas “modernas”, mais tradicionais na teologia, porém informais no culto.

No formato tradicional, o louvor em nossos cultos é utilizado para a transmissão de mensagens. É a forma musicada de expressarmos as mesmas coisas que são pregadas, uma espécie de continuação (ou complemento) da pregação falada. Os que tocam e cantam sentem que estão fazendo “a obra do Senhor”, e se dedicam - às vezes dramaticamente - a fazê-lo. O canto congregacional também é um complemento da mensagem pregada, com os hinos escolhidos do hinário daquela denominação, de forma a trazer mensagem coerente com o que estiver sendo dito no culto. E todas partes musicadas são previamente programadas, com raras exceções. Para os mais jovens, cânticos mais recentes com letra projetada em tela e instrumentos eletrônicos; para a geração dos pais e avôs, hinos acompanhados ao piano ou órgão. Com o passar dos anos, o entusiasmo pelos cânticos diminui, possivelmente pela mesmice.

No formato avivado, mais comum no meio pentecostal, existe um “momento de louvor” de longa duração (geralmente uma hora inteira). Ele tem uma finalidade diferente: servir de “desafogo” das tensões; a palavra de ordem é “celebração”. O canto e o acompanhamento musical são geralmente ensaiados e performados por um grupo grande, que, escorado na amplificação do som, faz com que a música e as canções “encham” o ambiente, enlevando o público presente (ao mesmo tempo em que afasta e irrita os vizinhos...). Assim o povo, sempre em pé, é levado a sentir emoções através da música, praticamente da mesma forma que as grandes bandas de rock secular procedem em seus shows. Na igreja, porém, são inspirados sentimentos de pertencer a Deus e a Sua família, sentimentos de alegria e participação na glória vitoriosa de

Deus. O altíssimo volume da música, aliado aos comentários incentivadores dos ministrantes, dirige esse “sentimento coletivo”. E a insensibilidade para com os vizinhos fica escancarada, no máximo disfarçada de “querer encher a cidade com nossas verdades”, mas na prática está claro que não nos interessamos por eles como pessoas.

Nesses cultos, o louvor (frequentemente confundido com adoração) tem um sentido próprio, uma unidade fechada em si mesma, independente também da pregação que o sucederá. É como se Deus fosse transmitir duas mensagens por culto (e ainda uma terceira, em caso de haver testemunhos pessoais), sem falar da hora da contribuição financeira. Mas um traço é comum em todos os lugares que praticam esse estilo de louvor: há pouco ou nenhum lugar para contrição e tristeza. A impressão, praticamente se contrapondo às mensagens pregadas, é que Deus sempre espera que estejamos alegres, domingo após domingo. Essa “injeção de ânimo” ajuda e abençoa a muitos crentes que por ela esperam. Mas com o tempo, como com qualquer remédio ou droga de uso muito repetido, muitas pessoas vão percebendo que seus estados de espírito “reais” não são bem-vindos. E a decepção piora as coisas porque, ao perceber essa menor mobilização da platéia, o dirigente do louvor lançará mão de recursos tais como: “levante-se, abrace seu irmão ao lado e diga: Deus te ama”. Naturalmente o dirigente tem a melhor das intenções, mas ele está manipulando a congregação, e se deixando guiar pelos seus próprios sentimentos e limitações (no caso deste exemplo, provavelmente será a sua necessidade pessoal de ver seu trabalho fazendo todo mundo feliz e se abraçando). Como conseqüência, é encorajada uma artificialidade dos relacionamentos, e o aspecto exterior (comportamento) substitui o interior (coração). Por mais que cantemos e repitamos a frase bíblica, não estaremos adorando “em espírito e em verdade”.

Frequentando um ambiente assim enquanto vivem sua vida cotidiana, como estará o íntimo dos cristãos?

4. O Clima no Coração do Cristãos

Convido você, leitor e leitora, a olhar para dentro de si mesmo, até para ver se minha observação coincide com a sua:

Imagine Deus olhando para você agora (experimente fechar os olhos por um instante) Qual seria a expressão do rosto dEle? Ao olhar para você, Deus parece feliz, sério ou triste?

Como na verdade não vemos a face de Deus, podemos dizer que nossa imaginação é uma boa medida de projeção da nossa imagem de Deus. Ou do “nosso Deus”, por assim dizer, que fomos criando e internalizando conforme vivemos no ambiente da igreja e da família.

Outra pergunta que pode nos ajudar: qual é a sua principal preocupação perante Deus? Ao estar consciente da presença de Deus, do que você lembra? Que tipo de oração você faz mais frequentemente?

Todas essas perguntas geralmente mostram que estamos preocupados em não errar. E que, tal qual nas pregações dominicais, Deus parece sempre insatisfeito, esperando alguma melhoria de nossa parte. Em algumas denominações, esse cuidado em não errar adquire tons mais dramáticos porque, atrás da esquina, ainda nos espreita o terror da perda da salvação.

Os cristãos temos medo de errar, de tomar decisões erradas. Nos dedicamos a combater o pecado. Por isso, naturalmente, temos receio de nos envolver com iniciativas de outros grupos, especialmente se forem de fora da igreja. Nossa maior preocupação, nossa maior busca, é por saber “a vontade de Deus”.

A supremacia em nosso coração é do DEVER: o que é que eu devo fazer? O que é certo?

Perguntas como “crente pode isso?” ou “É pecado tal coisa?” revelam o mesmo sentimento, e a nossa preocupação mais íntima: temos medo de errar. Por isso, a não ser que tenhamos certeza de que aquilo é a vontade de Deus, melhor não fazer. Certo?

5. A qualidade de nossa membresia - a roda viva

Ao mesmo tempo em que estamos preocupados com não errar, essa pergunta de “o que é que eu devo fazer” encontra resposta rápida na igreja. Parece que, na falta de bons relacionamentos, que dêem prazer simplesmente por estarmos juntos, nos dedicamos a criar várias atividades na igreja, que nos

mantenham sempre ocupados e “produtivos”. Assumir cargos na estrutura da igreja é uma velha forma das igrejas tradicionais engajarem alguém. Já as igrejas pentecostais multiplicaram o número de cultos, seja no templo, seja nos lares, também como forma de manter participantes um maior número de pessoas. Na igreja tradicional “precisamos” de pessoas para cantar nos corais, para distribuir folhetos de casa em casa, para dirigir ou auxiliar em diversos departamentos, com atividades no sábado e em todo o domingo. Nas comunidades pentecostais, as pessoas “precisam” comparecer aos cultos quase todos os dias da semana, com destaque para a participação na equipe de louvor. Ambas as igrejas formaram uma espécie de “grade de programação” que precisa ser preenchida (e acompanhada) pelos membros. É uma espécie de roda-viva, como aqueles moinhos dos tempos antigos, empurrados por animais ou por escravos, em que a pessoa era acorrentada a seu tronco para empurrar sem cessar, e sem poder sair. Geralmente a gente só percebe a loucura desse ativismo quando o vê de fora. Para quem está nos papéis centrais, como os pastores, só dá para pensar na próxima “necessidade” a ser preenchida (precisa alguém para trazer a palavra, alguém para dirigir os cânticos, alguém para dirigir a oração, alguém para dar os avisos, etc, etc, etc.)

Para pessoas que vivem solitárias ou não têm bom relacionamento familiar, a igreja com tantas reuniões acaba até ajudando a suprir a carência de relacionamentos. Mas para aqueles que têm vida em família, a igreja acaba prejudicando a qualidade de relacionamentos, por praticamente não permitir que façam programas entre si (nos sábados, jovens e adolescentes têm atividades; nos domingos, a obrigação é todos estarem na igreja - e novamente divididos por faixa etária). Quando é que pais e filhos podem passear, ter lazer em conjunto? Durante a semana, quando todos têm escola e trabalho?

Toda essa participação em cultos e atividades é ensinada como sendo “para Deus”. Dedicar seu tempo para Deus (na verdade, “para a igreja”), então, acaba sendo entendido como retirar tempo de convívio com seus familiares, e utilizá-lo para as atividades da grade de programação da igreja. É claro que alguma dedicação é positiva, e faz bem para nós próprios também; mas com esse nível de ativismo de nossas igrejas não é de admirar que pouco ouvimos falar de versos

da Bíblia tais como I Timóteo 5.8: “*Se alguém não cuida dos seus, e especialmente dos da sua família, tem negado a fé, e é pior que um incrédulo*”.

Muitas vezes, na ânsia por obedecer e por fazer a vontade de Deus, temos praticado o mesmo pecado que Jesus condenou nos fariseus: em vez de cuidar dos nossos familiares, dedicamos “a Deus” nosso tempo e dinheiro (na verdade, dedicamos à igreja), e descuidamos da família. A começar por nós pastores...

DIAGNÓSTICO TENTATIVO

Depois de termos investigado essas cinco áreas, e especialmente o nosso coração, acredito que podemos tentar um diagnóstico da principal causa de nossos problemas, possivelmente também a causa da crise da igreja.

Dito pura e simplesmente, o mal de que nós cristãos sofremos é o medo. Ou então, para utilizarmos as palavras de João: o sentimento de que “sobre nós permanece a ira de Deus”.

Há várias outras opiniões sobre qual seria a necessidade ou a situação da igreja brasileira, e muitas delas são pertinentes. Uma corrente crescente em nosso meio crê que o problema da igreja é a excessiva facilidade oferecida no cristianismo atual, o foco em bênçãos materiais e outras vantagens e conquistas para esta vida, não havendo mais nenhum resquício do necessário temor de Deus. Eu não discordo desses irmãos, e também penso que muito do que se prega por aí não é o evangelho, mas apenas “marketing” de coisas agradáveis, para “servir ao próprio ventre” e não à cruz de Cristo.

Neste trabalho aqui, porém, estamos procurando outra perspectiva para nossa análise: buscamos o caminho do coração, buscamos entender as motivações que nos levam a fazer, falar, ou a não fazer nem falar. Mais importante do que a obediência é discernir a razão da obediência, ou melhor ainda, o sentimento que nos leva a viver e agir dessa ou daquela forma. Assim, textos como: “Deus ama ao que dá com alegria”, “graças a Deus que obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues” e outros semelhantes são nosso norte neste diagnóstico tentativo. E nesse diagnóstico o sentimento que mais temos encon-

trado – em relação a Deus – é o medo. Isso precisa ser trazido à tona e tratado, senão acabará anulando e desqualificando qualquer obediência, a exemplo da igreja de Éfeso nas cartas do Apocalipse: ela tinha muitas obras, muita perseverança e firmeza, mas perdeu o elemento vital, que é o amor a Jesus.

A descrição do clima em nosso coração é, na melhor das hipóteses, muito semelhante ao coração de filhos de pais muito severos. Mais provavelmente, é como os escravos se sentiam diante de seus senhores: com muito medo de desagradá-los, porque corriam risco de vida.

Na verdade, nosso medo é de pecar. Às vezes ele é aumentado por frases do tipo “e se o Senhor Jesus voltar bem nessa hora?”. Mesmo quando não há esse componente “de castigo eterno”, temos medo de estar fora da vontade de Deus: a mão dele vai pesar, vamos perder a bênção, etc. Nosso Deus nos inspira medo. Temor. A imagem que temos de Deus é muito séria, atemorizante. Portanto, nosso medo – que causa nossas neuroses – é de Deus.

Quando eu tinha cerca de 14 anos, numa reunião da união de adolescentes atendi a um apelo para dedicar minha vida ao serviço do Senhor (isso queria dizer ser pastor ou missionário, os únicos ideais imagináveis de dedicação de “tempo integral” a Deus naquela época). Três anos depois, com a conclusão do ensino médio, chegou a hora de decidir que curso fazer. Eu, por conta desse “chamado”, já pensava em cursar o seminário. Mas outras pessoas, especialmente professores do colégio, me encorajavam a tentar uma profissão “secular”. Fui me aconselhar com um pastor amigo, que sabiamente falou que, se fosse de Deus, esse chamado iria permanecer. Mas na igreja ouvi várias vozes não tão sábias, inclusive de outro pastor, que diziam algo como: “se Deus te chamou para o ministério, você não será feliz em nenhum outro lugar; nada mais vai dar certo até que você esteja no ministério”. Que Deus exigente, não?

Você provavelmente conhece esse medo de tomar decisões erradas. Essa busca por saber a vontade de Deus, “o que eu devo fazer”, é um processo de muita oração, talvez pedindo sinais, talvez pedindo conselhos de pastores ou buscando palavra com profetas, tudo movido pelo medo de errar, que é nosso

medo da ira de Deus. Veja o paradoxo: nessa situação, quanto mais Bíblia e oração e pregações buscarmos, provavelmente ficaremos piores, mais neurotizados do que antes; o medo só crescerá, pois não estamos em paz. Na prática, não conseguimos assumir nós mesmos a responsabilidade de tomar decisões - queremos “empurrar para Deus” essa responsabilidade (mas desconfio que, como qualquer pai interessado no crescimento de seus filhos, Ele gostaria que aprendêssemos a tomar decisões por nós mesmos, utilizando a formação que Dele já recebemos até esse momento). Muitas vezes, na Sua misericórdia e percebendo que nós “empacamos” horrorizados, Ele até manda um sinal, uma resposta mais objetiva, e assume o que seria a nossa parte. Mas outras vezes nossa ansiedade nos impede de ouvir Sua voz suave, e seguimos ao primeiro “servo” que falar mais autoritariamente (e via de regra nos damos mal...).

Esse medo de errar explica nosso não-engajamento em questões mais complicadas, como as lutas sociais, políticas ou econômicas, e também explica o não nos darmos maior liberdade artística, humorística e criativa. É impossível não cometer erros ao lidar com essas coisas. Já a preservação do meio-ambiente, por exemplo, é um pouco menos “arriscada”, por isso aos poucos a igreja vai conseguindo se envolver um pouquinho mais com ecologia.

Na década de 80, quando a Nicarágua era governada pelos sandinistas e os Estados Unidos apoiavam ataques de mercenários (os “Contras”) para tentar desestabilizar aquele governo esquerdista, um pastor batista nicaraguense me contou que a grande dúvida dos jovens crentes era se eles deveriam ou não pegar em armas para combater os “Contras”, e assim defender o seu país e as suas conquistas políticas. Ele queria vir ao Brasil estudar ética em nossos seminários, para poder auxiliar o seu povo. Infelizmente tive de lhe dizer que nas classes de ética por aqui, ao menos naquela época, não seria tratado nenhum assunto parecido com o que ele procurava. No máximo tratariam de questões individuais, como aborto ou sexualidade, dentro da ótica do “porque é certo isso e errado aquilo”. Comportamo-nos como crianças com medo de se arriscar: melhor não se envolver com essas coisas...

O paralelo com crianças temerosas pode nos ser útil aqui. A figura de Pai

para Deus é uma das mais utilizadas, especialmente pela Sua revelação mais perfeita, Jesus Cristo. Quem visita orfanatos sabe como se comportam crianças que sentem falta de mãe e pai. Os pequeninos se agarram aos adultos que chegam, procurando ser o mais amáveis possível e obter o máximo de carinho (ou coisas) que puderem. Estão realmente carentes. Quando alguma dessas crianças vai para adoção, o juizado costuma pedir um acompanhamento, com relatórios periódicos. É interessante que um dos sinais que podemos observar para saber se o filho/a adotado está se sentindo amado e aceito na nova família (falo aqui de crianças, não de adolescentes, cuja dinâmica é diferente) é quando ele começa a reclamar, a brigar e, caso haja filhos “naturais” convivendo, quando ele se permite se defender e brigar com eles por espaço! Enquanto a criança não se sentir amada e segura, vai ficar quietinha e procurar ser agradável (temendo ser “devolvida”). Só à medida que ela for se convencendo de que está aceita e é amada naquela família é que poderá “expor sua alma” e lutar por seus desejos, como toda criança faz.

Pois nossa vida de crente se parece com a dessas crianças adotadas inseguras. Onde já se viu reclamar de Deus?! (e a igreja faz coro de ajudante de ordens: “em tudo dai graças!”). Quem se permite “ficar de mal” com Deus? Ou questionar alguma coisa que leu na Bíblia? Não estou falando que Deus erra, ou que é injusto ou coisa parecida: estou falando da liberdade dentro da nossa limitação, de podermos nos sentir seguros como filhos e filhas amados, que não serão açoitados se reclamarem ou discordarem de alguma coisa. Qual é a mãe ou pai que nunca ouviu reclamação de seus filhos? Por isso há essa diferença entre as gerações: os adultos podem perfeitamente agüentar “ofensas” dos pequeninos, sem deixar de amá-los nem um pouquinho. Então, por que damos tanta seriedade a nossos sentimentos e palavras em relação a Deus? É porque temos medo; não estamos seguros de Seu amor em qualquer situação. Achamos (“sentimos”) que Ele nos ama quando somos bonzinhos. Mas se erramos...

Vale aqui uma explicação, pois há uma distinção complicada a fazer: Em todo o período anterior ao sacrifício de Cristo (e até hoje para os que não acreditam nele), a ira de Deus contra o pecado se revela de forma real, e inspira medo com

muita propriedade - em última instância, o medo do fogo do inferno - exatamente o castigo do qual Jesus veio nos salvar. Mas agora não estamos falando exatamente disso. Há também um outro sentido de temor de Deus que permanece, e que poderia ser entendido como um respeito básico, e é positivo. Como explica o rev. Ricardo Barbosa², trata-se de reconhecer o outro como alguém diferente e independente de mim, e configura a base necessária para haver um relacionamento. Tal como com outras pessoas, nossos pais, filhos, cônjuges, amigos: se não os respeitarmos como pessoa, não lhes daremos palavra nem direito a ser diferente, e não poderá haver intimidade de relacionamento. Richard Rohr define o sentido bíblico do “temor do Senhor” como sendo simplesmente “ouvir com atenção”, prestar atenção no que Deus diz³. Isso é positivo, e não causa neurose em ninguém. Mas em nosso meio, entre os filhos e filhas de Deus que crêem em Jesus, o temor continua sendo entendido no seu significado pré-cristão: medo que leva a obedecer cegamente. E isso faz bastante diferença - negativa - para a saúde emocional do cristão. Pretendo explicar isso melhor na segunda parte do livro; por enquanto, vamos considerar como positivo o respeito para com Deus - que me leva a ouvi-lo com atenção, e negativo o que me leva a ter medo dele, e a guardar distância ou me esconder dele (como Adão e Eva logo após comerem o fruto proibido).

Uma consequência desse medo é que, tal como as crianças, perdemos boa parte da nossa capacidade de brincar. Quem não se sente seguro para brigar também terá dificuldades para brincar. E pelo mesmo motivo: pode ser que nosso senhor não goste da brincadeira. Se envolver temas mais delicados, então, é erro na certa. Como resultado, nosso repertório de piadas é reduzido a menos de 10% e mesmo assim, quando arriscamos algum comentário bem-humorado, logo corremos a emendar: “brincadeirinha...” Isso quer dizer que nossos relacionamentos fraternos também não são muito sólidos, e não suportariam muita autenticidade (daí aquela “vida pasteurizada” que falamos).

Além disso, a brincadeira também está relacionada com a criatividade. O Dr. Erik Erikson, em sua obra *As 8 Idades do Ser Humano*, demonstra que lá

pelos 3 e 4 anos de idade a criança deve atravessar um conflito entre a iniciativa e a culpa⁴. Isso quer dizer que o menino e a menina tomam várias iniciativas, e seu desenvolvimento vai depender de como as pessoas importantes para elas reagirão na maioria das vezes: se recebendo bem, apoiando, ou se recebendo mal e provocando culpa. Se a reação de fazer a criança se sentir incapaz, desastrada ou má for predominante, o sentimento de culpa aos poucos irá sufocando a disposição de ter iniciativas, de ser criativo. Talvez isso explique aquela caracterização geral da música evangélica como sendo “sem alma”. Com nossa imagem de Deus perfeito e absoluto, que não poupa nossos erros, nossa criatividade tende a se inibir e ficar subdesenvolvida. “Mais alma” ficaria arriscadamente próximo do erro, seja da sensualidade, ou do ridículo, e ouviríamos a reprovação de algum irmão ou irmã mais conservador. Nas outras artes acho que isso acontece ainda mais que na música. O medo de “fazer travessuras” nos faz ficar sempre mais na defensiva, num triste paralelo com o terceiro servo da parábola dos talentos...

Uma segunda neurose eclesiástica, consequência desse medo de errar, é um afastamento involuntário da verdade - justamente aquela que poderia nos libertar! Com isso quero dizer que, em nossos relacionamentos, por causa do medo de errar, em vez de “ser como sou”, vou procurar “ser o que Deus espera que eu seja”, e também sentir aquilo que Deus ou os irmãos esperam que eu sinta. Isso com a melhor das intenções: vimos que Deus espera que amemos nossos irmãos, que sejamos mansos e humildes, e vamos reprimir nosso desgosto ou raiva, e procurar expressar amor e mansidão.

Pergunto: qual o problema com essa atitude? Não estamos corretamente querendo seguir o exemplo de Cristo? O problema é que essa atitude não é exatamente verdadeira, não é “de coração”. Sabemos toda a doutrina do amor de Deus, somos até capazes de pregá-la a outros. Conhecemos sobre as riquezas da glória de Deus, mas, tal qual o irmão mais velho do filho pródigo, não conseguimos participar da “festa da graça divina”. Na verdade, nós lá no íntimo a achamos errada, fácil demais, descabida (aí está nosso sentimento autêntico). Acontece uma espécie de “miopia espiritual”, em que, como escre-

² Reação a esta palestra, no Encontro Regional do CPPC Centro-Oeste, Brasília, set/2007.

³ Letting Go (Aprendendo a Soltar), Munique, Claudius Verlag, 1995.

⁴ ERIKSON, Erik H. *Oito idades do homem*. In: Infância e sociedade. Rio de Janeiro : Zahar, 1976. p. 227-253.

ve Pedro, nos esquecemos da purificação de nossos próprios pecados.

Uma outra face desse afastamento da verdade revela um quadro triste: em São Paulo uma ONG dedicada a ajudar mulheres vítimas de violência doméstica denuncia: 90% de suas clientes são evangélicas, portanto geralmente são também esposas de evangélicos. Isso revela que nossos cultos e práticas não reduzem o distanciamento da realidade (provavelmente até o aumentem). O enlevo da música e do louvor, as proclamações de vitória e as orações fervorosas, os clamores, as unções do Espírito e as campanhas feitas nos templos não têm conseguido produzir o fruto do Espírito na vida diária dos membros. O homem que sai do culto se sentindo aliviado ou feliz com a experiência com Deus, mas depois bate na sua esposa em casa ou a força sexualmente, evidentemente não está cheio do Espírito Santo e não tem sido santificado pelos cultos. O afastamento da verdade tem alterado nossa realidade, geralmente para pior, tanto no meio tradicional (pelo mascaramento das emoções) quanto no pentecostal (por não melhorar o comportamento no cotidiano).

Moreno, o pai da técnica do Psicodrama, ensinou uma verdade que descobriu nos relacionamentos entre filhos e pais: quando a educação é muito severa, ela não consegue eliminar os erros.⁵ O que ela consegue é fazer com que os erros sejam praticados às escondidas, sem o pai ou mãe saberem. A severidade do pai, além de não “evitar o pecado” da filha, a faz tentar levar uma vida dupla, para evitar o confronto e o castigo.

Portanto o diagnóstico que encontramos é duplo: (1) um medo de errar generalizado, que se revela como “sombra da ira de Deus” e nos paralisa a criatividade, a contestação e até a brincadeira, e (2) um afastamento da verdade, mesmo que involuntário, especialmente em nossos relacionamentos. E a igreja, na imensa maioria dos casos, tem contribuído para aumentar esses dois males em nossos corações.

Qual seria a saída? Permita-me sugerir que, talvez pela primeira vez, você se coloque no outro lado, no lugar de Deus. A pergunta que Deus Pai estaria

tentando responder é: “como é que eu faço para convencer meu filho de que eu o amo de verdade, e não só quando ele obedece? Como eu faço para que minha filha não tenha medo de mim? Como fazer para eles acreditarem que está tudo bem entre nós, sempre? Que eles não precisam vir chorando e repetindo sem parar “desculpe, desculpe, desculpe”? Tente responder. Deus tem todo o interesse do mundo em que esse sentimento de medo seja removido, assim como nenhuma mãe ou pai gostaria que seus filhos o temessem. Acho que é um pouco parecido com quando queremos conquistar a simpatia de um animalzinho arredo. Como fazer para ele não ficar à distância, sem querer se aproximar? Essa deve ser a situação que Deus enfrenta com o nosso medo dEle, por conta de nossas muitas imperfeições.

Nosso “julgar a nós mesmos” está trazendo frutos. Pelo menos agora podemos fazer uma pausa nas más notícias e começar a ouvir as boas (haverá ainda algumas notícias ruins, mas o importante é que as notícias boas já começaram!)

⁵ MORENO, J.L. *Psicodrama*, SP, Editora Cultrix, 1978.

II - AS NOTÍCIAS BOAS: O Evangelho para Crentes

Por mais inacreditável que pareça, nossa situação é como a de alguém padecendo de sede no meio de um imenso, ou morrendo de fome dentro de um restaurante. A solução do nosso dilema está ao nosso redor, bem perto de nós, mas não conseguimos tirar proveito disso e continuamos padecendo.

Isso quer dizer também que, por mais fácil que a solução desse mal-estar da igreja pareça ser, devemos respeitar a força adversária, que mantém cativos ao medo de Deus dezenas de milhões de crentes no Brasil, e tantos outros pelo mundo. Portanto, caro leitor, querida leitora, peço que você mesmo se junte a mim nesta oração, e peçamos a Deus para que nossos corações sejam abertos, e possamos compreender a altura, largura e profundidade do amor de nosso Cristo, de que tanto já ouvimos falar, mas que talvez até agora ainda não tenha conseguido lançar fora o medo de nossos corações.

Quando João em seu evangelho termina seu primeiro texto, que apresenta Jesus como o Verbo que se fez carne, ele utiliza as seguintes palavras: “A lei foi dada por meio de Moisés. A *graça e a verdade* vieram por Jesus” (João 1.17). Isso foi por ele chamado de “graça sobre graça” (bênção sobre bênção) no verso anterior. Por parte dos enviados de Deus, a passagem da velha aliança da lei de Moisés (a vida pelas obras, por nosso comportamento segundo os mandamentos) para a nova aliança do evangelho de Jesus Cristo (a vida pela fé, pela graça de Deus) não foi de briga, de ruptura, mas de preparação para a novidade, assim como o melhor amigo do noivo ajuda a preparar a festa do casamento – essa figura é utilizada por João. João Batista, o representante supremo da Velha Aliança, não foi um inimigo de Jesus: foi o “amigo do noivo Jesus”, que se alegra com o casamento de seu amigo, e sabe que agora sua tarefa acabou, foi completada (João 3.22-30). Como podemos entender as conseqüências disso para nossa vida com Deus?

A Lei é o modo de vida comandado pelo dever (mandamentos) e pela obe-

diência; é, no dizer de Paulo, o modo de vida de servo, que teme desagradar a seu senhor. É um modelo adequado para escravos, mas não para filhos (especialmente os amadurecidos). Sabemos que atualmente Deus prepara o seu povo para as Bodas Do Cordeiro. Assim foi preparado o cenário para Deus finalmente poder se unir (casar) com seu povo, para essa união santa finalmente poder acontecer de verdade (um casamento não pode ser regido pelo temor e pela relação de servidão). Por isso, Jesus veio como *graça e verdade*, não para condenar o mundo, mas para salvá-lo. E todos os que o recebem com fé deixam de ser servos, e passam a ser filhos e amigos de Deus, são salvos do castigo da ira de Deus sobre seus pecados. Porque foi para isso que Deus amou o mundo e deu seu Filho: não para condenar pessoas à morte, mas sim para lhes dar vida eterna. Basicamente, esse é o evangelho de Jesus Cristo, a Nova Aliança, sacramentada com seu sangue, pela sua morte.

E não é assim mesmo que deveria ser? Pois vejamos:

1. O CUMPRIDOR DE PROMESSAS

Desde nossa negação no Jardim do Éden, Deus não tinha obrigação nenhuma conosco. Mas já lá Ele prometeu que um descendente de Eva esmagaria a cabeça da serpente e mudaria o estado de coisas. E ao longo da história humana as promessas de Deus continuam: o crente Abraão, através de um descendente seu, seria canal de bênçãos para o mundo todo. Moisés antes de morrer certificou a todos que Deus levantaria dentre o povo outro profeta, como ele fora levantado, e a este as pessoas seguiriam. Jeremias, enquanto a anunciada destruição de Jerusalém chegava às portas, avisava da promessa de Deus de que um dia essa história seria diferente e haveria uma nova aliança entre Deus e seu povo. E no tempo certo, no tempo escolhido de Deus, nasce Jesus em Belém da Judéia, e começa a cumprir estas e muitas outras promessas, mostrando que a Palavra de Deus merece nossa confiança.

Jesus não só cumpre as promessas a seu respeito, como também faz promessas novas, todas igualmente merecedoras de crédito, explicando o evangelho, a boa notícia da salvação para pecadores. Vejamos algumas:

1.1 Vinde a Mim. O convite mais famoso, público e aberto que Jesus fez sobre si mesmo está registrado em Mateus 11:28: “*Vinde a mim, todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei*” O que ele promete? Alívio, e descanso para nossas almas. Descanso é paz, despreocupação na vida, o contrário do medo. Mas quantos de nós vieram a Cristo, e hoje estão descansados e aliviados? Não parece que a maioria de nós continua cansada e sobrecarregada? Como Jesus não estava mentindo, aquele diagnóstico a que chegamos deve ter interferido também aqui. O evangelho em que cremos teve retirada ou abafada a parte que proporcionava descanso, exatamente as notícias boas. Logo após fazer esse convite para o descanso, Jesus sofreu dura crítica, porque seus discípulos estariam quebrando a lei do descanso sabático ao colherem espigas para matar a fome – o que ilustra muito bem que o descanso do dever não é verdadeiro como o de Jesus. Felizmente, a promessa de Jesus continua válida, e para *todos* os cansados que vêm a Ele. O descanso e o alívio que Ele proporciona não perderam seu prazo de validade e estão incluídos no evangelho anunciado por Jesus.

1.2. A Paz nas Aflições. Aos seus discípulos, nas últimas horas antes da cruz, Jesus promete: “*deixo com vocês a minha paz; a minha paz vos dou, não como o mundo a dá*”. E, bem no final de sua fala, Ele repete: “*digo-vos essas coisas para que em mim tenhais paz*”. Aí segue a frase com o conhecido “*no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo*” (Jo 16.33), mas estranhamente não aprendemos a decorar a parte que garantia a paz... E para piorar, às vezes ainda acrescentamos mais um dever, porque geralmente completamos o verso com um “e vocês também podem vencer”. Na verdade, felizmente, Jesus não disse isso; ele só disse que o mundo já foi vencido por ele (e isso basta para todos nós). Portanto não desista: há paz disponível para você.

Paulo faz eco dessa mesma verdade: “*Justificados, pois, pela fé, temos paz com Deus*” (Rm 5.1), e confirma esse sentimento pouco depois em Romanos: “*Não há nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus*” (Rm 8.1).

Portanto, esse sentimento de paz, que traduzido para nossa alma seria “está tudo bem”, é sim desejado por Deus para nossa vida nesta terra, no meio das aflições deste mundo.

2. AUTO-IMAGEM

Além da graça de Deus, Jesus também trouxe a verdade quando se fez carne. Ele revelou a verdadeira e completa imagem de Deus. Essa verdade também se aplica aos que nele crêem. O que é a verdade? Primeiramente, é a própria pessoa de Jesus, Deus encarnado; e em relação a nós? Jesus abre as portas, pela primeira vez na história humana, para “a nossa verdade encarnada” poder aparecer. Ela não é muito bonita (como já vimos na parte das más notícias), mas é bem real. Você nunca estranhou Paulo falar de si próprio coisas como: “*eu sei que em mim (isto é, na minha carne) não habita bem nenhum*”(Rm 7.18)? Isso tem sido tão difícil para a igreja aceitar, que muitos pregadores e comentaristas preferem ensinar que isso se referiria a um certo “crente carnal”, mas o “crente espiritual” não seria assim. Lamento, mas Paulo não faz essa distinção. Quando ele escreve “*miserável homem que sou*” e 3 frases depois diz “*agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus*” ele está falando de duas verdades, ambas plenamente verdadeiras. Desclassificar uma delas (nossa verdadeira condição) e tentar ficar só com a outra (nossa perfeição em Cristo) é parte importante do problema com nossas igrejas.

Lutero já tinha percebido essa realidade, que vale para o período de tempo entre nosso primeiro encontro de fé com Cristo e o encontro final nos ares: existem duas naturezas na mesma pessoa, a velha e a nova. Por isso, como disse Lutero, o ser humano é *simultaneamente justo e pecador*. Se abirmos mão de qualquer uma dessas verdades, como a igreja involuntariamente tem feito, estaremos nos desviando do evangelho, das boas novas de salvação. Pois para que serve um Salvador se não for para pecadores?

Voltando a Paulo: noutra carta, mais pessoal, para o seu discípulo Timóteo, ele diz: “*Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, sendo eu o pior deles (o principal)*” (I Tm 1.15). E como essa verdade talvez parecesse difícil para o jovem Timóteo aceitar, Paulo frisa: “*Fiel é esta palavra e digna de toda a aceitação*”. Isso não é exercício de retórica. Paulo sabe muito bem que está dizendo a pura verdade: nós somos santos e justos em Cristo, e ao mesmo tempo, em nós mesmos, nós somos pecadores. Por isso ele pode dizer, em ainda outra carta, “*pela graça de Deus sou o que sou*” (I Co 15.10).

Diga-me, quantas vezes você já ouviu um sermão sobre algum desses textos? Provavelmente pouquíssimos, talvez nenhum, o que ilustra como temos dificuldade em admitir nosso pecado (nossa verdade, nossa auto-imagem), especialmente depois de anos e anos de crente. E por termos essa dificuldade em aceitar a verdade, temos também dificuldade em aceitar a graça.

Atualmente na igreja temos uma situação mista, bastante estranha: na hora de pregarmos o evangelho para quem não crê em Jesus, conseguimos pregar corretamente a graça de Deus, e como Ele aceita e salva a nós pecadores. Mas depois de “aceita” essa mensagem, começamos a nos preocupar com pecados, ensinar regras e disciplinas, e acabamos “recriando” o sistema da Lei e do dever, da premiação da obediência e castigo da desobediência. Procuramos acreditar numa falsa imagem de que somos apenas “nova criatura” e, ao nos afastarmos da verdade sobre nossa pecaminosidade, acabamos também por nos afastar da graça que nos tinha acolhido e salvo. Como resultado, nossas igrejas parecem imensos berçários, em que novos cristãos sempre nascem, mas depois não conseguem crescer, sucumbindo às pesadas cargas que lhes impomos.

Mas fiquemos nas boas novas. Onde o pecado abunda (nosso coração mau) a graça superabunda. A bondade de Deus é maior que a nossa ruindade. E digo isso com 40 anos de experiência de crente em Cristo. Aquela paz se aplica exatamente aqui: eu não vou conseguir ser perfeito em mim mesmo; a perfeição eu só tenho em Cristo. Por isso, por causa do precioso sacrifício de Cristo, tudo bem ser imperfeito (aliás, foi exatamente por causa disso que Jesus morreu).

A objeção levantada é, desde aqueles tempos, sempre a mesma: e o pecado? E a santificação? Como podemos crer que está tudo bem se vemos tanta coisa errada? O pastor responsável pelos jovens e adolescentes talvez seja o primeiro a protestar: precisamos pregar a santificação, não podemos deixar o pecado “correr solto”. Agora começamos a entender porque Paulo, ao pregar e ensinar o evangelho de Jesus Cristo, foi caluniado como se ele dissesse “*façamos o mal para que venha o bem*” (Rm 3.8). Será que algum de nossos pregadores

poderia ser alvo dessa mesma calúnia? Duvido muito. Temos tanto medo do pecado que ficamos bem longe dessa “linha divisória”.

Pois então vamos buscar entender como funciona a santificação na Nova Aliança:

3. PECADO E SANTIFICAÇÃO

Sintomaticamente, é uma disputa sobre a purificação (outro nome para santificação) que leva o grande João Batista a explicar a seus discípulos a diferença essencial entre a aliança dele e a aliança trazida por Jesus: “*O homem não pode receber coisa alguma se não lhe for dada do céu... Aquele que vem da terra é da terra e fala da terra. Aquele que vem do céu é sobre todos. O Pai ama ao Filho e todas as coisas entregou nas suas mãos. Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, porém, desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus*” (Jo 3.27,31,35,36) Essa última frase, falada em “linguagem de velha aliança” para não deixar dúvidas, iguala o não crer no Filho de Deus a desobedecer a Ele, e o resultado foi o mesmo anunciado a Nicodemos: se alguém não nascer de novo (e do alto), não pode ver o reino de Deus. O problema do pecado humano foi resolvido pela morte de Jesus na cruz. O pecado agora é a falta de fé em Jesus, é o não acreditar que o Filho de Deus crucificado nos purifica por sua morte, tal qual o simples olhar para a serpente de bronze no deserto trazia cura e salvação para os israelitas.

Quando Jesus apareceu a Paulo, fez-lhe uma descrição resumida e bastante reveladora do evangelho: “...para lhes abrir os olhos a fim de que se convertam das trevas à luz, e do poder de Satanás a Deus, para que recebam remissão de pecados e herança entre aqueles que são santificados pela fé em mim.” (Atos 26.18)

Existe uma coisa, ainda não compreendida em nossas igrejas, que se chama “santificação pela fé em Jesus”. Em nossa cultura popular evangélica, geralmente dividimos a obra de Deus em nossas vidas em duas partes: salvação e santificação. Ninguém duvidará que a salvação seja pela fé em Jesus. Mas quando o assunto é santificação, a palavra “fé” nem sequer é lembrada (a não ser, talvez, no sentido de conjunto de doutrinas). Pois isso novamente explica aquele círculo vicioso, de só produzirmos bebês espirituais; e de que

muitos, na busca por um crescimento e amadurecimento (que equivale a dizer na busca de mais verdade), tiveram de sair da igreja, pois não podiam ser verdadeiros e maduros lá dentro. Triste situação, mas infelizmente cada vez mais comum...

Comecemos por um trecho da carta de Hebreus, a mesma que afirma categoricamente que “*sem santificação ninguém verá ao Senhor*” (Hb 12.14). Dois capítulos antes, o autor já explicava o que entendia por santificação, relatando a fala do Messias no Salmo 40: “*Depois de dizer, como acima: ‘Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste’ (coisas que se oferecem segundo a lei), então acrescentou: ‘Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.’... Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas. Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados; Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés. Porque com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados” (Hebreus 10.8-14). O autor explica que a obra de Cristo na cruz foi completa, não apenas “salvando”, mas também santificando o seu povo; e essa obra foi feita de uma só vez. Mas repare que há uma divisão de tempos: Jesus ofereceu o sacrifício de uma vez, e depois assentou-se à destra de Deus, aguardando até tudo ser-lhe submetido na prática. Houve a morte (e ressurreição), e depois o aguardar tranqüilamente o tempo passar, até tudo estar debaixo dos pés de Jesus. Assim também conosco: fomos “aperfeiçoados para sempre” de uma vez, e agora “estamos sendo santificados”. Chegará o dia em que todos os nossos desejos pecaminosos estarão anulados, sob os pés de Jesus.*

Este é um processo de queda às avessas: Deus avisou Adão e Eva que, no dia em que eles comessem do fruto proibido, morreriam. Eles comeram, e imediatamente se tornaram mortais, mas não caíram mortos naquele instante. Aí foi só uma questão de esperar um tempo para que essa morte acabasse por dominar também os seus corpos, que voltariam ao pó. Assim também, mas no

sentido reverso, Jesus ofereceu seu sacrifício e nos deu vida eterna, ressuscitou, e enviou seu Espírito aos nossos corações. Mas essa bela vida de Jesus ainda não domina tudo em nós. Agora Jesus espera passar o tempo até que seu Espírito nos vivifique totalmente, inclusive os nossos corpos mortais (cfe. Rom 8.11). O Dr. Carlos Hernández⁶ chama isso de biologia da ressurreição. Nossa santificação aparecer externamente e em todas as áreas do nosso ser é só uma questão de tempo, de espera, de descanso enquanto se espera. Lembre-se que Adão levou 930 anos para cair morto...

Vamos agora examinar a questão do pecado e santificação na explicação que João dá em sua primeira carta: Depois da importante introdução, e num ambiente de insistente busca pela verdade, pela luz de Deus, João começa a argumentar (I Jo 1.7): “...*se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado.*” Isso é santificação: a purificação de cada pecado, mostrado à luz da comunhão entre irmãos. É algo feito pelo sangue do Filho de Deus, pela morte de Jesus na cruz.

Ou seja, João está explicando aquela mesma situação da auto-imagem sincera de Paulo: quanto mais verdadeiros nós formos (com Deus e com os irmãos), mais vai aparecer o nosso pecado – a nossa verdade. João continua: “*se dissermos que não temos pecado nenhum, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós* (1.8).” Por que João fala disso aqui? É porque esse é um erro muito comum, especialmente entre irmãs e irmãos que começam a se destacar na igreja, a assumir lideranças, palavras e reuniões. Poderíamos chamar isso de “maldição do microfone”, e funciona mais ou menos assim: quando nós pastores, profetas ou dirigentes de louvor assumimos a palavra em nossas reuniões, começamos a ser vistos com destaque, como “grandes servos de Deus”. Os irmãos e irmãs “comuns” começam a nos procurar pedindo oração ou conselhos, e ouvem nossos sermões ou profecias como se estivessem ouvindo a Palavra de Deus. E qual é o problema disso? O problema são dois: primeiro, que isso não é bem verdade; e segundo, que nós mesmos começamos a acreditar na nossa “maior santidade”, começamos a enganar a nós mesmos.

⁶ Psiquiatra argentino cristão, autor de *O Lugar do Sagrado na Terapia*.

A Palavra de Deus inspirada pelo Espírito Santo e infalível é única e exclusivamente o texto das Sagradas Escrituras. Os meus sermões, por mais estudo, preparação, oração, unção e inspiração que tenham, nunca chegarão aos pés do texto bíblico. E minhas profecias, por mais clara que a mensagem a ser dita esteja em meus ouvidos e no coração, também sempre estarão muito longe e muito abaixo do texto sagrado. Por quê? Porque os últimos versos do último livro da Bíblia (Apocalipse) deixam bem claro que não cabe mais nenhum acréscimo à revelação de Deus, e porque a minha verdade é que sou um pecador, um instrumento que sempre será falho. Posso ser usado e abençoado por Deus em muitas ocasiões, sim, mas sempre serei pecador, falho e imperfeito – essa é a verdade.

Pregadores, profetas e ministros de louvor demais estão “enganando a si mesmos” quando começam a acreditar na admiração dos “sem-microfone”. Se dezenas ou milhares de pessoas esperam atentamente ouvir o que você vai dizer, fica mesmo difícil acreditar que você continua tão pecador quanto o pior dos que lhe ouvem. Mas essa é a verdade. Jesus já tinha deixado isso claro na parábola do fariseu e do publicano que foram orar no templo. Sempre que eu começar a achar, mesmo em segredo, que “não sou tão ruim quanto esses publicanos” estou me enganando a mim mesmo, e a verdade já se afastou. O próximo passo pode ser achar que sou indispensável para essa igreja, e aí já estarei me sentindo na posição de Jesus, de “Salvador da Pátria”. Eu tenho esse desejo secreto repetidas vezes, de ser o “salvador da pátria” para essa ou aquela igreja. Mas a verdade é que não sou, e nunca serei salvador de coisa nenhuma. Sou apenas mais um pecador.

Por isso João continua sua argumentação com o famoso verso 9: “*Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça*”. Confessar aqui quer dizer o contrário do verso anterior (se dissermos que não temos pecado) e também do verso posterior (se dissermos que não temos cometido pecado). É dizer que eu tenho pecado sim (e ainda estamos naquele mesmo ambiente, entre Deus e nossos irmãos). É reconhecer essa triste verdade a meu respeito: eu sou pecador. Esse é o veredito de Deus a meu respeito, que aqui eu reconheço como verdadeiro, eu homologo (esse é o termo grego usado por João). É uma atitude interior, antes de ser uma manifestação exterior.

Qual é o resultado desse reconhecimento de pecados? O resultado é duplo, e recebe dois adjetivos: perdão dos pecados e purificação de toda injustiça (santificação), e Deus é chamado de fiel e de justo ao fazê-lo. Por que Deus é fiel ao perdoar nossos pecados? Porque Ele está cumprindo o que prometeu várias vezes (por exemplo, em Jeremias 31.31-34), de que um dia ele iria fazer uma aliança nova com o seu povo onde perdoaria os pecados dele e se esqueceria desses pecados para sempre. Pois bem, Deus sempre cumpre suas promessas; essa nova aliança está em vigor, e portanto Ele fielmente perdoa nossos pecados, porque Deus é fiel. Mas, onde está a justiça? Lembre-se, tudo o que “fizemos” foi reconhecer nossa pecaminosidade, e já estamos perdoados e purificados. Como é que pode isso ser justo? Deus não deixou de ser santo. Ele não pode simplesmente ignorar nossos pecados, fazer vista grossa e deixar-nos gozar de plena comunhão como se nada tivesse acontecido. Deus não pode “deixar passar” nossos pecados: isso não seria justo. Mas João aqui afirma que Ele é perfeitamente justo quando perdoa nossos pecados, e ainda por cima nos santifica, nos limpa de todas as injustiças (“todas” inclui as que nós mesmos cometemos). Como aceitar isso sem nenhum castigo, nenhuma disciplina, nenhum período de experiência, nenhum sofrimento?!! O que foi feito da nossa natureza pecadora, e dos pecados que ela cometeu e continua cometendo? Cadê a justiça? Diz João continuando o mesmo trecho:

“Meus filhinhos, escrevo estas coisas para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados.” (I Jo 2.1,2)

O fato de demorarmos a nos lembrar do que Jesus Cristo, o justo, fez, é bastante revelador: Ele é nosso caminho perfeito para o Pai. Nossos pecados são perdoados sem exigir mais nada em troca porque já foram pagos, e por um preço muito alto (mas que continua subestimado em nossa memória). Alguém morreu por causa dos meus pecados. Eu sou um assassino. Meus pecados trouxeram a morte (e isso desde Adão e Eva). Esse é o justo castigo: a morte, para sempre, de todos os pecadores. Mas não era essa a vontade de Deus: O Pai ama esses pecadores, e quer tê-los consigo, vivos e em comunhão, mas de um modo justo e verdadeiro. Foi esse amor que levou seu Filho, o justo Jesus Cristo, a “nos amar até o fim”, a vir para morrer em nosso lugar, como um sacrifício que satisfaz a

justa ira de Deus contra os nossos pecados (esse é o significado de “propiciação”) e resolver de uma vez o problema do nosso pecado. Essa é a essência da boa nova do evangelho: para pecadores agora há salvação. O único problema, por mais paradoxal que possa parecer, é se acharmos que não somos pecadores. Se pensarmos que, com 30 anos de crente já nos santificamos um bom tanto, lá vamos nós para a “posição do fariseu”, que provavelmente não diria que era perfeito, mas certamente se achava melhor que um publicano, um fiscal de impostos do governo. Lembre-se: sempre que dissermos que não temos pecado estamos fora da verdade. Sempre. João disse isso já bem velho, talvez com 80 anos de idade, e observe que ele se incluiu: “se nós dissermos que não temos pecado...” João teve mais intimidade com Jesus do que todos os outros discípulos; ele era muito provavelmente o único dos 12 ainda vivo nessa época; sua espiritualidade - para utilizar um termo da moda - era intensa e real. Mas ele sabia muito bem que seu lugar continua sendo na “posição de publicano”: se eu disser que não tenho cometido pecado, a sua palavra não está em mim. Portanto, se você imagina que com mais alguns anos de vida cristã, com mais esforço, mais compromisso, mais leitura da Bíblia, oração e jejum, vai ficar mais santificado, mais “sem pecado”, João traz uma má notícia: não vai dar certo. Esse caminho é de auto-engano (e são muitos os que andam por ele). Não é um caminho de verdade, nem de vida, e não leva ao Pai. Mas há uma notícia boa: houve um justo que morreu, que morreu por amor, e morreu por amor a pecadores. Se você é pecador (se você “se qualifica”), então esse sacrifício de amor é para você, para os seus pecados. E não pára aí: “e não somente pelos nossos pecados, mas também pelos de todo o mundo” (I Jo 2.2). Será que não é o bastante?

Apenas não esqueça que esse sacrifício de Jesus, ao reconhecermos nosso pecado, não traz apenas o perdão, mas também a purificação, que é a eliminação das impurezas, a limpeza interior, enfim, a tão falada santificação.

Por isso é que Paulo podia falar dos cristãos como aqueles que estão sendo “santificados pela fé” (At 26.18). É bem diferente daquele modelo de escada para santificação, em que temos que batalhar para nos fazer subir um degrau a cada dia, e somente quando chegarmos lá no alto, na estatura do varão perfeito, é que seremos santos.⁷

⁷ Esta figura é comentada por Enio Mueller no artigo *Espelho, espelho meu: reflexões sobre os fundamentos de uma espiritualidade evangélica*. São Leopoldo: Estudos Teológicos, vol 37, nº 1, 1997, págs. 5 a 27.

Na linguagem paulina, esses dois modelos de santificação foram bem descritos em Colossenses⁸. Ali Paulo opõe a observância de regras à união com Cristo na morte e ressurreição (Colossenses 2.6-23). Graças a Deus por textos como Col 2.20: “*Se morrestes com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos sujeitais ainda a ordenanças, como se vivésseis no mundo, tais como: não toques, não proves, não manuseies...?*”

A cruz de Cristo, portanto, é o único método de santificação eficaz. A união de vida pela fé em Jesus é a única que retira toda a condenação, “*porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte*”(Rm 8.2). Não há nenhuma mudança de processo da salvação para a santificação: o mesmo Deus que te amou e enviou Jesus para morrer por teus pecados já sabia muito bem como você se comportaria depois do encontro com Jesus - e foi exatamente por isso que Jesus morreu.

Essa situação, muito semelhante à de nossas igrejas, aconteceu com as comunidades na região da Galácia, e motivou o que provavelmente foi a primeira carta escrita por Paulo: a carta aos Gálatas. Nela, o apóstolo combate radicalmente as influências que os Gálatas sofreram por parte de outros “irmãos”, que os levaram a novamente tentar depender do bom comportamento, da obediência, para se relacionar com Deus. Paulo denuncia esse abandono do “chamado na graça de Cristo” para “outro evangelho”; entre vários outros argumentos, ele diz: “*Sois vós tão insensatos? tendo começado pelo Espírito, é pela carne que acabareis?*” (Gl 3.3) O Espírito Santo é a diferença fundamental entre o “modelo escada”, baseado no compromisso de levar a sério princípios e leis, e o “modelo morte e ressurreição”, baseado unicamente na fé em Jesus. De modo bem resumido, Paulo relaciona a atitude de dever, de obediência à Lei, com a “carne”, e relaciona o modelo de fé na morte e ressurreição com o “Espírito”. E o que faremos com o pecado? Uma frase fantástica de Paulo nos resume a atitude a tomar: “*Andai pelo Espírito, e não haveis de cumprir a cobiça da carne*” (Gl 5.16). Em outras palavras: em vez de ficar tentando não errar, tente acertar; pode parecer a mesma coisa, mas é muito diferente. Em vez de ficar se preocupando com o pecado, ocupe-se com

⁸ Veja especialmente Fritz Rienecker em seu comentário *Kolossenerbrief*, (Carta aos Colossenses) Wuppertaler Studienbibel, 1975.

o amor, a alegria, a paz, e não sobrar energia para o pecado. “*Considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus*” (Rm 6.11) Como nos garantiu João, certamente você também cometerá pecados. Mas é para isso que temos o Advogado justo, Jesus Cristo, que já fez a propiciação por eles. Em vez de lutar contra mortos, ocupe-se com coisas mais bonitas, como o amor. Paremos de “procurar entre os mortos” Jesus ressuscitado, a nossa verdadeira vida.

Eu trabalho na redação de uma revista, e sou responsável por ela. Depois de 18 anos sendo publicada mensalmente, pela primeira vez minha revista foi contatada por uma advogada e fomos processados, porque uma pessoa aparentemente não gostou de ver sua foto publicada, e exigia uma indenização. Bastante preocupado, fui levar a notícia ao advogado da editora, explicando as circunstâncias da reportagem e das fotos que tiramos. Era a cobertura de uma edição de um grande encontro político e social, e eu pensava que talvez tivesse sido mesmo imprudente ao não pedir autorização para fotografar pessoas; por outro lado, era um evento com 80.000 pessoas presentes, enfim, eu não tinha muita certeza se a reclamação seria ou não julgada procedente. Qual não foi minha surpresa quando o advogado da editora me disse, feliz da vida e agradecendo muito: “finalmente vocês me deram algum trabalho para fazer”. Taí uma perspectiva que eu não tinha pensado: a do advogado que escolheu essa profissão porque gosta das lutas jurídicas, da defesa do cliente, da busca da justiça, dos embates nos tribunais. Não sei se a situação se aplica em todos os detalhes, mas pelo menos ilustra bem que, para nosso Advogado, nossos pecados não são uma tragédia inesperada que pode pôr tudo a perder. Pelo contrário, são parte do trabalho dEle, e foi para isso que Ele se preparou. Confesso que fiquei aliviado. Quer saber se, por causa do alívio, saí em bandada fotografando todo mundo para publicar? Claro que não! Aprendi que os tempos mudaram, e que preciso me precaver melhor, mas também aprendi como é bom ter um bom Advogado para consertar minhas trapalhadas...

Em suma, o pecado continua sendo pecado, promove morte e não vida, é ruim e não bom. Mas ele deixou de ser o problema, deixou de ser o foco da nossa vida. É um problema considerado resolvido por Deus, por causa da morte de Jesus. Vale a pena acreditar...

4 - FÉ e NÃO-VISTA

É por acreditar em Jesus que nossa vida começa, e é essa mesma fé em Jesus que a levará adiante. “O justo viverá da fé”, explica Paulo nos primeiros 8 capítulos de Romanos. Os evangelhos deixam bem claro que não se trata de fé sozinha, fé no poder de Deus, ou fé na fé, mas de fé em Jesus Cristo, no que Ele é e no que Ele fez por nós. Hebreus leva essa nova realidade um passo adiante: Jesus é o autor dessa fé, e também é quem a completa, o seu consumidor. Mais, a fé está relacionada com nossa espera pela volta de Jesus e por seu Reino, uma esperança por algo que ainda não se vê, uma vida de peregrino neste planeta. E no capítulo da fé, Hebreus 11, somos ensinados que, para agradar a Deus - viver como justo - nossa fé precisa acreditar em duas verdades: 1) que Ele existe. Parece óbvio, mas para muita gente não é. Deus existe de verdade; se por acaso você estiver em dúvida sobre a existência de Deus, não desista, e busque Ele mesmo assim (afinal, Ele existe independentemente de nós acreditarmos). Porque a segunda verdade é (2), na linguagem tradicional da Bíblia, que “*Ele se torna galardoador dos que o buscam*” (Hb 11.6). Trocado em miúdos, que Ele vai presentear quem se aproxima, e não castigar. Ou seja, que Deus é bom, e não severo e mau (como pensava o terceiro servo da parábola dos talentos). Deus existe, e é bom, muito bom.

No terreno da fé há espaço para crescer. Paulo em duas de suas cartas fala de irmãos serem fortes na fé ou fracos na fé, e essa distinção tem a ver com nosso tema. Dr. Russel Shedd explicava em suas aulas de Novo Testamento que os irmãos fortes na fé acreditavam que o sacrifício de Jesus havia feito tudo que era necessário para sermos aceitos por Deus, não faltando mais nada para completarmos de nossa parte. Já os fracos na fé também acreditavam em Jesus mas, talvez por terem vindo de uma história de paganismo, tinham dificuldade em comer carne que havia sido dedicada aos deuses pagãos em que antes acreditavam. Ou por virem de uma formação judaica e sempre guardarem o sábado, tinham dificuldade para considerar todos os dias da semana iguais para Deus. E assim por diante para qualquer outra regra, como o dízimo (tão cobrado nas igrejas), a obediência aos usos e costumes da sua igreja ou denominação, etc., etc. Em suma, são irmãos, crêem em Cristo, mas sentem que não serão aceitos ou abençoados por Deus se estiverem quebrando esse ou aquele

preceito, coisas, como as do verso citado de Colossenses, “visíveis”, que se desgastam com o uso. Sempre é uma tendência nossa essa de nos apegarmos a algum coisa visível, alguma “obra” que em tese pudéssemos apresentar para Deus, para “provar” nossa virtude e tentar merecer um presente. A boa notícia é que não precisamos continuar fracos na fé a vida toda. E o caminho para nos desapegarmos do visível e acreditar ainda mais em Jesus passa por aquela auto-imagem, por reconhecermos que, mesmo quando não fazemos aquilo que para nós é sentido como transgressão (seja beber, dançar, não dar dízimo, faltar ao culto, etc.), continuamos totalmente pecadores, sem bem nenhum em nossa carne, totalmente necessitados de um Salvador. Não ficamos menos pecadores ao não fumar ou ao dar o dízimo. Como já tinha ensinado Jesus, nosso coração continua adúltero mesmo quando fisicamente não adulteramos (pois basta desejar); nosso coração continua assassino mesmo quando fisicamente não matamos (pois basta sentir raiva). Em outras palavras, desista de tentar não pecar: não há a menor chance de você ter êxito. Em vez disso, reconheça seu coração ruim, e seja purificado pelo sangue de Jesus, o Filho de Deus. Tenha fé no Salvador que Deus enviou, o Messias, o nosso Advogado. Dito nas palavras de Paulo aos Gálatas: “*Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, sabendo contudo que o homem não é justificado por obras da lei, mas sim pela fé em Cristo Jesus, temos também crido em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo, e não por obras da lei; pois por obras da lei nenhuma carne será justificada.*”(Gl 2.15,16)

Tiago escreveu que “a lei perfeita dá liberdade às pessoas”. Liberdade, paz, descanso, andar no Espírito (que é liberdade): tudo isso está incluído no convite para termos fé, em Jesus Cristo e na grande e eterna reconciliação que Ele fez entre Deus e nós. Acredite, e isso se tornará numa fonte de água viva jorrando do seu interior. Deus é bom.

5 - NOSSA IMAGEM DE DEUS

Jesus revelou Deus como sendo cheio de graça e de verdade. Mas temos aprendido, domingo após domingo, que devemos ter muito cuidado em nossa vida diária; que devemos ter certeza da vontade de Deus antes de tomar alguma decisão em nossa vida; que devemos combater toda forma de pecado, e até

a “aparência de pecado”, etc. Uma das dúvidas mais comuns entre alunos da Escola Dominical e seminaristas é sobre o “pecado sem perdão”, a “blasfêmia contra o Espírito Santo”, a perda da salvação e coisas do gênero. Já para os pastores as perguntas mais frequentes são: “crente pode tal coisa?”, “é certo fazer isso?”. Como já vimos na parte das más notícias, esse tipo de preocupação revela que, embora cantemos que Deus nos ama, lá em nosso coração está registrada uma outra verdade: é preciso ter muito cuidado com Deus, não devemos desagradá-lo. No dizer de Paulo em Rm 8.15 (“*Não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes com temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos Aba, Pai*”), estamos tal qual escravos, com medo de nosso senhor. A boa notícia é que Deus enviou seu Espírito para fazer um trabalho psicológico extremamente profundo em nosso interior, acho que o mais profundo de todos: assim como um casal adota uma criança e se dedica com todo o amor a criá-la como filho/a, o que de fato a criança passa a ser, o Espírito vai mansa e suavemente nos convencendo de que somos filhas e filhos amados por Deus. É mais ou menos como quando nós procuramos domesticar um esquilo que está morrendo de medo de nós, com amendoins na mão, pois só queremos lhe fazer carinho (como é difícil para o esquilo “crer” que nós somos bons, não é mesmo?). A qualquer suspiro nosso, ele volta correndo para trás da primeira árvore que encontra. Assim também nós, a qualquer mudança que pressentimos vir de Deus, saímos desesperados procurando identificar e reparar algum erro que tenhamos feito.

Na verdade, há dois processos de criação acontecendo. Em Gálatas 4 isso é ilustrado por Agar e por Sara. Voltemos ao tempo da escravidão: nós somos a criança, e a igreja pode estar ensinando a velha aliança, nos criando como filhos de escravos, que devem tomar muito cuidado para saber o seu lugar e não desagradar o senhor da casa. Ou então a igreja pode ensinar a nova aliança, em que, por causa do Messias, somos filhos do senhor, e somos criados com essa identidade e essa liberdade, e seremos herdeiros, juntamente com Cristo, do que o Pai guarda para nos dar.

Como você se sente no coração? Uma filha/filho de Deus, ou um servo/serva? Para servos e servas o mais importante é obedecer, cumprir com seu dever, dedicar-se, temer, trabalhar. Para filhos e filhas o mais importante é estar

junto do Pai, viver com Ele, brincar, aprender, experimentar o amor, crescer. A boa notícia é que, pela fé em Jesus, você é filho/filha de Deus, mesmo que lhe tenham ensinado errado. Não se esqueça disso: Deus é seu Pai, não seu dono ou empregador.

Essa obra que o Espírito Santo faz em nossos corações é descrita também por João, no capítulo 4 de sua primeira carta: fazer o amor crescer, e assim lançar fora o medo: *“Nisto é aperfeiçoado em nós o amor, para que no dia do juízo tenhamos confiança;... No amor não há medo, antes o perfeito amor lança fora o medo; porque o medo envolve castigo; e quem tem medo não está aperfeiçoado no amor. Nós amamos, porque ele nos amou primeiro.”* (I Jo 4.17-19) A boa notícia é que nosso Pai do Céu não quer que tenhamos medo dele (assim como nós pais e mães terrenos também não queremos o medo dos nossos filhos). Tal como na fé, também no amor há terreno para progredirmos: podemos ser aperfeiçoados no amor. João logo diz como: *“nós amamos porque ele nos amou primeiro”*. Essa notícia é ótima: você não tem como produzir amor. Não há esforço no mundo que possa nos levar a amar. O único jeito de podermos amar (e assim, por tabela, cumprirmos todos os mandamentos) é recebendo amor de Deus. A quem Deus ama? Aos pecadores. Conforme Jesus ensinou ao fariseu Simão quando a prostituta veio chorar agradecida a seus pés, há uma relação direta entre a consciência de ser perdoado e o amor demonstrado pelo perdoador (Lc 7.36-50). Em outras palavras, voltamos ao capítulo primeiro da carta: quanto mais reconhecermos em nós um(a) grande pecador(a), tanto mais perceberemos o tamanho do amor de Deus por nós, e tanto mais o amaremos. Note bem: não há nenhuma necessidade de sairmos a praticar mais pecados: nós já somos muito pecadores; basta reconhecer isso. Esse amor de Pai para filho/a vai transformar nosso coração, também em relação a nossos irmãos e irmãs.

Na linguagem mais adulta, Jesus utilizou outra verdade semelhante, quando disse: *“Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos dei a conhecer.”* (Jo 15.15) Numa linguagem empregatícia (bastante superficial), seríamos os “amigos do chefe”, aqueles que jamais são demitidos. Mas aqui Jesus fala num nível bem mais profundo de relacionamento. Somos amigos

íntimos, para quem não há nenhum segredo. Confiamos totalmente em Jesus, Ele confia totalmente em nós.

Além do medo ser substituído pelo amor, que outras diferenças há entre ser servo e ser filho ou amigo? Lembro de uma bastante fundamental: eu estive por algum tempo afastado da igreja, “crendo em Deus à distância”; um amigo meu também passou por este afastamento. Não era meu amigo mais íntimo, mas era amigo. Chegou a hora em que, pela graça de Deus, Ele me contactou e me trouxe novamente para perto dEle. Mas meu amigo continuou distante, e se distanciava cada vez mais. Certa vez, preocupado, conversei com ele e insisti que ele devia se reconciliar com Deus. Ele me respondeu: “eu estou tentando ser feliz; você fala muito de viver com Deus, mas para mim você não é nenhum exemplo de felicidade; eu estou tentando ser feliz!”. Somente um amigo é que teria a liberdade de me fazer essa crítica. Embora tivesse receio de me magoar, ele teve muito cuidado, mas fez a crítica. Os filhos da mesma forma (e com menos cuidado), sentem-se mais à vontade para criticar o pai e a mãe.

E você, teria coragem de reclamar com Deus? Pois é o que aparece, por exemplo, em vários Salmos, que são orações feitas para Deus. Por exemplo, Salmo 10.1: *“Por que te conservas ao longe, Senhor? Por que te escondes em tempos de angústia?”*, ou Salmo 13.2: *“Até quando, ó Senhor, te esquecerás de mim? para sempre? Até quando esconderás de mim o teu rosto?”* Em plena vigência da velha aliança, Davi conhecia suficientemente a Deus para crer em seu amor, e dar-se a liberdade de reclamar. Só podemos brigar com alguém próximo com certeza de não sermos expulsos de sua convivência se sentirmos que o vínculo está garantido, que há de fato amor.

É claro que nossas reclamações quase nunca procedem, tal qual as de uma criança pequena para com seus pais. Mas trata-se de saber que o amor agüentará essa atitude, e exatamente por isso podermos ser mais sinceros e autênticos em nossa expressão – possivelmente estaremos errados, mas é o que estamos sentindo. Lembra da verdade que liberta? Pois é, somos amados de verdade, pode crer.

6 - O LUGAR DOS SOFRIMENTOS

Na velha aliança, o que significava a chegada de um sofrimento? Na grande maioria das vezes, o sofrimento era entendido como uma consequência ou um castigo de pecado (e por isso, por exemplo, Jó ficou sozinho ao não entender assim). Com o estabelecimento da lei, Deus deixou taxativo: se o povo obedecer, virá a bênção; se desobedecer, virá o castigo. Essa mentalidade está claramente aplicada à vida pessoal, por exemplo quando os discípulos perguntaram a Jesus sobre o cego de nascença: quem foi que pecou para que ele nascesse cego? ele ou seus pais? (Jo 9.2) Era uma questão difícil, que remetia a perguntar quem deveria estar sofrendo mais: o próprio cego, ou os pais de um filho cego (os leitores que são pais ou mães entenderão isso). A pergunta só conseguia enxergar essas duas possibilidades. A resposta de Jesus abre uma terceira, a “saída de cima”: *“Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus.”* Enquanto aprendia a história na Escola Dominical, sempre pensava em uma exceção pontual, ou seja, este homem ficou cego para que Jesus o encontrasse e o curasse milagrosamente. Mas agora posso ver nesse acontecido também um padrão mais amplo, que talvez possa nos ensinar uma nova atitude perante o sofrimento.

É triste ver indivíduos e também igrejas ficarem “patinando” na maturidade de fé, porque toda vez que aparece alguma dificuldade, em vez de encarar a possibilidade de uma nova realidade (por exemplo, a diminuição das receitas ou do salário), acabam tentando se apegar ao passado, tentando “recuperar a bênção de Deus perdida por causa de nosso pecado”, e aí nada se aproveita da situação. Por quê? Por causa da dificuldade em crer que o sofrimento poderia não ser uma consequência de pecado, mas sim algo enviado por Deus. Poderia também ser consequência de algo criado por nós mesmos, mas não exatamente um pecado que estivesse sendo castigado, onde Deus estivesse “pesando a mão”.

O apóstolo Paulo dedica dois trechos de sua carta aos Romanos ao sofrimento do cristão, e a ordem em que ele trata dessa questão é muito reveladora. Os trechos estão em Romanos 5 e em Romanos 8. Começemos com o capítulo 5:

“Justificados, pois, pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem obtivemos também nosso acesso pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e gloriamos-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isso, mas também gloriamos-nos nas tribulações...” (vs. 1-3). Foi só

depois de muito bem assentada a justificação pela fé, base da paz com Deus, que Paulo pôde mencionar as tribulações, nossos sofrimentos nesta vida. Para assentar a base da paz Paulo segue praticamente o mesmo caminho que João em sua carta: ele gasta 3 longos capítulos, recheados de citações bíblicas do AT, para tentar convencer aos cristãos vindos do judaísmo que eles eram tão pecadores quanto os pagãos. Por exemplo: Rm 2.1 “pois tu que julgas, praticas o mesmo”; “não há justo nem sequer um” (3.10); “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (3.23). Assentado o fundamento da pecaminosidade universal, Paulo segue com o seu argumento principal, o fundamento de que a vida com Deus é regida unicamente pela fé no sacrifício de Jesus (Rm 1.17: “o justo viverá da fé”; Rm 3. 28: “Concluimos pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei”), e gasta nisso o capítulo 4 inteiro. Este capítulo é concluído com a morte e a ressurreição de Jesus, como a base indestrutível para nossa justificação. Aí vem a conclusão lógica de 5.1: Já que somos justificados por crer (e não pelo fazer), tenhamos paz com Deus, o que quer dizer também que Deus está em paz com nós. O problema do nosso pecado foi resolvido. Você crê nisso? Pois tem mais: alegre-se, a participação na glória de Deus é só uma questão de tempo: basta esperar. E tem mais ainda: alegre-se também quando lhe vem algum sofrimento (Paulo fala essa seqüência lógica com uma naturalidade impressionante...).

O fato é que, sem ter a paz com Deus bem firmada, qualquer sofrimento que viesse eu correria de volta à velha aliança, ficaria desesperado, procurando descobrir onde foi que eu pequei, procurando o que eu posso fazer para reverter essa situação, topando fazer qualquer coisa para me livrar do problema. Às vezes fazemos isso e “empacamos” de tal forma que Deus acaba precisando nos socorrer e aliviar o sofrimento, porque não vamos aprender mais nada - voltamos a ter medo dEle como na velha aliança. É uma pena, porque não experimentamos a continuação do processo (continuando o trecho de Romanos 5):

“...gloriamo-nos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a perseverança, e a perseverança a experiência, e a experiência a esperança; e a esperança não desaponta, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.”(Rm 5.3-5)

Eu tenho dificuldade em entender a primeira “etapa da produção”, a tribulação que produz a perseverança. Quem me ajudou e ensinou foi um irmã amiga de Porto Alegre, com quem conversei sobre esse trecho num feriadão de Ano Novo que passávamos juntos com nossos familiares: ela lutava contra o câncer já fazia um ano, e os prognósticos não eram bons; por outro lado, a sombra da morte mudava radicalmente a percepção da vida, especialmente da família. A frase de Paulo (a tribulação produz perseverança) ensina que o sofrimento nos dá vontade de continuar, desperta forças para resistir, para agüentar firme, e eu não conseguia ver como isso acontecia claramente. Ela me contou que a princípio não queria saber de quimioterapia, radioterapia e desse sofrido tratamento. Mas o mal estar foi aumentando, de modo que ela não teve outro jeito, precisou voltar ao médico, aceitou submeter-se ao tratamento, e... melhorou! Essa melhora lhe deu pelo menos mais um ano e meio cheio de vida intensamente aproveitada, e de experiências marcantes com Deus. Esse bom aproveitamento foi possível porque a base da paz com Deus permaneceu: ela sabia que a dor não era castigo de Deus, mas antes um “tratamento especial”, que permitia a ela e à família aprofundarem várias coisas na vida, a começar pelos relacionamentos com Deus e entre eles próprios. E foi exatamente isso que aconteceu, gerando frutos de amor, que duram para além da sua morte, ocorrida 1 ano e meio depois daquela conversa.

Voltando a Romanos 5: da perseverança em diante, a seqüência me é mais fácil de compreender: quem *persevera*, quem agüenta, acaba tendo *experiências* com Deus (e quem de nós não quer ter experiências com Deus, não é mesmo?). Essas experiências nos fazem ter mais *esperança*: já que constatamos novamente a mão de Deus nos ajudando, sabemos que não seremos abandonados, podemos esperar mais ajudas, mais presença e bênçãos dEle.

A seqüência daqui novamente fica mais complexa, e ainda mais bonita: Paulo ensina que essa esperança não nos deixará frustrados (*não desaponta*), porque o Espírito Santo tem derramado amor em nossos corações. Aí segue a explicar a fonte desse amor, do mesmo modo que João fez: um justo morreu por nós pecadores, e isso prova que Deus ama pecadores como eu e você (Rm 5.8).

Resumindo, uma vez que acreditamos que Deus está em paz com nós (por causa da morte e da ressurreição de Jesus Cristo), então podemos aceitar melhor os sofrimentos que esse Deus amoroso nos manda (e também as conse-

qüências de nossas burradas que Deus permite nos acontecerem). Mais do que aceitar, Paulo ensina que esses sofrimentos são motivo de alegria, mais ou menos como uma ostra deveria se alegrar quando recebe um grão de areia a machucar suas membranas: ela sabe que disso sairá uma pérola muito bonita e preciosa.

E qual é a “nossa pérola”? É *o amor de Deus dentro de nossos corações*, num processo de produção conduzido pelo Espírito Santo. Com esse amor enchendo a nossa vida, passamos de instrumentos banais, como um prego dentro de um saco de 1.000 pregos, para instrumentos preciosos como o prego que sustenta no poste notícias especiais (e isso sem deixarmos de ser pecadores!). Como por exemplo, a notícia de que a guerra terminou entre os homens e Deus; nós perdemos, Deus ganhou - apesar de termos matado o seu Filho - e, diferentemente do que temíamos, essa nossa derrota foi a melhor coisa que poderia nos ter acontecido. Não é uma notícia espetacular?

Você se lembra, conforme I João 4, que nós não temos amor em nós mesmos para dar? Pois quando Deus nos deixa passar por um sofrimento, ele está investindo em nós, nos fazendo pessoas mais amorosas, à semelhança de seu Filho. Não tem nada a ver com o castigo pelo pecado, com sua ira contra o pecado. Por isso Paulo continua: “*Logo muito mais, sendo agora justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque se nós, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. E não somente isso, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora temos recebido a reconciliação.*” (5.9-11)

Em Romanos 8 a argumentação é semelhante: a paz está estabelecida porque por Cristo Jesus, a lei do Espírito e da vida já nos livrou da lei que, por causa de nosso pecado, nos condenava à morte (7.29 a 8.8) Esse Espírito, mansa e insistentemente convence nosso íntimo de que não somos mais servos que precisam temer, mas sim filhos amados de Deus (8.9-16). E Deus jamais abandona seus filhos: eles herdarão a glória juntamente com Cristo, e atualmente “herdam” os sofrimentos de Cristo. Nesse processo são acompanhados e auxiliados maravilhosamente pelo Espírito Santo (8.17-28). Esse processo é tão maravilhoso, tão fantástico, que Paulo se põe a elogiar as maravilhas

do amor de Deus que nos sustenta neste mundo cruel. E aí vemos claramente do que Paulo está falando: esse amor de Deus nos faz mais que vencedores em relação a tribulação, angústia, perseguição, fome, falta de roupas, perigo, armas, morte, vida, anjos, principados, presente, futuro, altura, profundidade ou ainda qualquer outra criatura (8.29-39).

Ainda temos muito a aprender sobre esse amor de Deus em sua nova aliança conosco, que nos carrega por situações às vezes bem difíceis, muitas delas dentro da própria igreja. Um consolo é que esse é um aprendizado que vale muito a pena, e produz frutos eternos - o amor jamais acabará.

7 – A MUDANÇA DE ALIANÇA

Se as más e as boas notícias foram convincentes para você, a pergunta agora seria: o que podemos fazer? Como andar na nova aliança, em paz com Deus, e aprender a confiar somente no que Jesus fez e não no que eu faço, fiz ou farei? (isso tudo para quem já é crente em Jesus há muito tempo...)

Felizmente temos um modelo de como foi grande esse mesmo processo no apóstolo Paulo, que ele descreve aos seus queridos irmãos em Filipos: *“A circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne. Se bem que poderia até confiar na carne: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus... quanto à justiça que há na lei, fui irrepreensível. Mas o que para mim era lucro passei a considerá-lo como perda por amor de Cristo... pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como refugio, para que possa ganhar a Cristo, e seja achado nele, não tendo como minha justiça a que vem da lei, mas que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé; para conhecê-lo, e o poder da sua ressurreição e a participação dos seus sofrimentos, conformando-me a ele na sua morte, para ver se de algum modo posso chegar à ressurreição dentre os mortos. Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas vou prosseguindo... esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante”* (Fp 3.4-13)

Nesse trecho há mais riqueza do que vamos explorar agora, mas é exatamente dessa transição, da velha para a nova aliança, que estamos falando. O que seria considerado uma vantagem minha, como meu bom comportamento - o fato de, por exemplo, eu não ter roubado, não ter adulterado, não ter feito nenhum pecado escandaloso - agora passou a ser visto como uma perigosa armadilha, que poderia me prejudicar ao tentar conhecer a Cristo mais de perto. Por quê? Terá sido um erro evitar esses pecados, estávamos todos enganados? Não. Os mandamentos de Deus são santos, justos e bons. Mas a minha obediência, que na verdade era bastante limitada, pode me fazer pensar que eu não sou um pecador tão grande assim, e isso me tiraria, em meu coração, da “posição de publicano” e me levaria para a “posição de fariseu” (ou do “filho pródigo” para a do “irmão mais velho”). Por isso Paulo precisou aprender que toda aquela vida exemplar era uma perda, porque o afastava de poder amar a Cristo.

Não me entenda errado, por favor, não há aqui nenhuma recomendação para viver “vida torta”. O que há é uma percepção de que aquela “vida reta” também não leva ninguém até a porta da fé em Jesus, o Médico que veio tratar de doentes. Para receber os cuidados amorosos desse médico eu preciso saber que eu também sou um doente, um “pecador de carteirinha”, que precisa e sempre precisará de um Salvador. A nosso favor está o fato de que isso é a mais pura verdade: basta olhar para nosso coração mais do que para nossos atos aparentes, e veremos que somos tão pecadores quanto o maior dos corruptos e malfeitores. Então, aceitando a paz com Deus via morte de Jesus, entramos na escola da “participação dos seus sofrimentos”, uma espécie de morte em vida, para avançarmos em algo absolutamente fantástico: a sua ressurreição.

É possível que isso tudo esteja lhe parecendo bom demais para ser verdade, e que você esteja sentindo dificuldades para crer em tanta boa nova. Ou talvez sua alma ainda esteja emaranhada em leis e princípios que sempre lhe deram segurança, e agora o convite para abandoná-las e navegar por águas novas inspire muito medo. Em minha própria vida percebo que levei vários anos para revisar minhas convicções acerca de Deus, e fui apreendendo a crer em Sua graça e verdade aos poucos. Existem vários argumentos que podem ajudar a alguém que estiver se debatendo nessa dúvida cruel. Eu ainda pretendo

apresentá-los e combater esse bom combate, possivelmente em outro livro, e certamente não sou o único a fazê-lo: o evangelho de Cristo não é propriedade exclusiva de ninguém, apenas de Deus, que por sinal resolveu reparti-lo conosco.

Mas quero deixar uma recomendação, que muito tem me ajudado nos últimos anos:

Lembre-se de que Deus nos é apresentado por Jesus preferencialmente como “o Pai”. Por exemplo, quando Jesus ensina seus discípulos a orar (o Pai Nosso), e também quando Ele próprio ora, como em João 17. Esse sentimento de a gente ser filho/a de Deus é a força motriz da nova aliança celebrada em Jesus. Uma forma de nos aprofundarmos nisso, que com certeza foi assim planejada por Deus, é através de nosso contato com nossos pequeninos. Por isso eu sugiro que você trate de suas dúvidas (se as houver) observando como é a relação entre a mãe e/ou pai e seu filho ou filha pequenino. Se você tiver filhos pequenos por agora, lembre-se de que você está na posição de Deus em relação a eles, assim como Deus está na posição de seu pai/mãe do Céu. Não tendo filhos, observe sobrinhos, netos, crianças em instituições, e lembre-se: o mesmo amor, ternura, cuidado, interesse, que você sentir, Deus sente por você também (e de forma mais perfeita). Foi esta forma de relacionamento que Deus escolheu. Como disse Jesus: “*Não temas, ó pequeno rebanho; pois a vossa Pai agradou dar-vos o Reino*” (Lc 12.32).

Ou na explicação de Paulo: “*vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo de lei, para resgatar os que estavam debaixo de lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai [a forma de uma criança chamar seu pai]. Portanto, já não és mais servo, mas filho; e se és filho, és também herdeiro por Deus.*” (Gál. 4.4-7)⁹

8. A LIBERDADE

“*Aquele que atenta bem para a lei perfeita, a da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas executor da obra, este será bem-aventurado no que fizer.*” Tiago 1.25.

De Tiago esperaríamos exortações para a prática de boas obras (e de certa forma ele as tem). Mas como que provando a inspiração divina das Escrituras, neste trecho, enquanto explica as vantagens do ouvir sobre o falar, e do fazer sobre o ouvir, Tiago nos revela uma linda verdade, por ele chamada de “a lei perfeita”. Essa perfeição nos ajuda a entender as diferenças entre os dois modos de vida que abordamos aqui, e que tanto complicam nossa vida nas igrejas.

Lembra que no diagnóstico da situação da igreja observamos a supremacia do dever? Com isso queremos dizer que a vida do cristão em nossa igreja está quase totalmente orientada por obrigações. Dizemos que o crente *deve* ir à igreja, que o crente *deve* dar o dízimo, *deve* evangelizar, *deve* ler a Bíblia, *tem* que orar, *tem* que jejuar, *tem* que se comportar, *tem* que amar a Deus, etc., não muito diferente dos judeus no tempo dos fariseus. Aí vem Jesus, dá sua vida pelos nossos não-fazerem, e inaugura uma nova aliança, que não mais se baseia no dever e nas obrigações de lei. Ele traz uma forma de sermos felizes (bem-aventurados) no que fizermos, sem os pesos de lei e das obrigações. Isso é liberdade, algo esquisito com que não sabemos lidar muito bem. E Tiago nos convida a perseverar nessa “lei da liberdade”, a insistir em mantê-la, a voltar para ela sempre que percebermos que estamos vivendo guiados pelo dever e nos afastando da bem-aventurança.

Paulo também fala bastante de vivermos na liberdade que Cristo conquistou para nós, e ele levanta a questão que 9 entre 9 pastores também levantam: vamos usar essa liberdade para pecar mais, para dar ocasião à carne? Para uma liberdade que se preze, essa é uma possibilidade real. Por isso é que Paulo diz: “*Graças a Deus que, embora tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e libertos do pecado, fostes feitos servos da justiça. Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Pois assim como apresentastes os vossos membros como servos da impureza e da iniquidade para iniquidade, assim apresentai agora os vossos membros como servos da justiça para santificação.*” (Rm 6.17-19) Ou

⁹ Ver também e-book *Aba, Pai* (do autor), disponível em www.cppc.org.br

seja, em vez da obrigação, entra o “de coração” e a voluntariedade de apresentar-se. São movimentos que vêm de dentro para fora, enquanto que a lei é imposta de fora para dentro. O resultado externo é bastante parecido: crentes “do dever” e crentes “da liberdade” provavelmente se comportarão de forma semelhante: nenhum vai se desintegrar em vícios e drogas, nenhum será infiel em seus contratos e relacionamentos, etc. Mas o crente da liberdade será muito mais feliz, porque viverá em paz: ele sabe que nem sempre acerta, mas que Deus já proveu para seus erros e pecados. Quando ele estiver em dúvida sobre o que fazer, ele saberá que tem liberdade para decidir, e novamente caso erre, não será o fim do mundo. Deus poderá aproveitar os erros do crente livre para ensinar preciosa sabedoria. Já quem se guia por leis, princípios e deveres pensa que não pode errar, e não conseguirá aprender nada. Deve ser por isso que Paulo falou que, pela morte de Jesus foi possibilitado “*que a justa exigência da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.*” E logo depois acrescenta: “*e os que estão na carne não podem agradar a Deus.*” (Rm 8.4,8)

É no terreno do Espírito Santo que a liberdade acontece, enquanto que o dever de obediência atua no terreno da carne. Em vez de tentar agradar a Deus pelo que fazemos, “*nós, pelo Espírito aguardamos a esperança da justiça que provém da fé*” (Gál. 5.5). É revelador que nossa igreja geralmente não percebe a relação entre o dever de obediência (a lei) e as obras da carne, tão claramente colocadas lado a lado em Gálatas 5, como também não percebe a sua contraparte: a liberdade conquistada por Cristo é que nos leva a andar pelo Espírito, o que produzirá naturalmente aquele famoso fruto do Espírito de Gal. 5.22,23. Em vez disso, tentamos transformar os elementos do fruto do Espírito em novas leis, e passamos a pregar que “o crente precisa ter amor, o crente deve ter gozo, o crente deve ter paz, longanimidade, bondade, etc.”. Perdoem-nos essa grave falha. Nossos mestres também não aprenderam - e portanto não nos ensinaram - o que de fato está tão claramente escrito. Mandar filhos amar seu pai e sua mãe é um contra-senso. Esse relacionamento de amor foi carinhosamente construído com amamentação, limpeza de fraldas, ensinar a andar, levar ao parquinho para brincar, levar e buscar da escola, providenciar comida e proteção. Não há lei que consiga colher o que não foi

plantado, e não é o dever que faz a planta produzir fruto. Só quem é livre consegue amar. É por isso que Paulo pode ensinar que toda a lei se cumpre numa só palavra: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Só os livres conseguirão fazê-lo, e isso porque têm o Espírito em seus corações, que é o único que sabe derramar amor em nós (lembre-se do lugar dos sofrimentos).

É assim, trabalhando em nosso íntimo junto com nosso espírito, que o Espírito Santo faz com que todos nós que recebemos a Cristo, que cremos em seu nome, sejamos transformados em filhos do Deus que é amor. E isso cumpre a promessa da nova aliança registrada por Jeremias: “*Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor. Pois perdoarei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei.*” (Jr 31.33-35) O fato de, 2.000 anos depois da efetivação dessa nova aliança, nossas igrejas continuarem a ensinar o conhecimento de Deus sob forma de dever e de estarmos continuando a apelar para leis, princípios e regras exteriores é um sinal claro de que o espírito da nova aliança em Jesus está muito contaminado pela velha aliança da lei, e o ministério do perdão e purificação dos pecados está perigosamente esquecido, num processo de miopia espiritual como o descrito em II Pe.1.9. Parecemos joões batistas fora de época, procurando aplainar morros e vales, mas depois que o Salvador já veio. Ele veio, e começou seus milagres transformando a água da purificação em vinho de festa, um sinal que talvez ainda não tenhamos compreendido bem.

Por último, a relação entre liberdade e alegria. Em Filipenses 4.4,5 está escrito: “*Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos. Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor*”. Lembro que um colega de mestrado estava estudando esse versículo, e ele me disse que o significado da palavra traduzida como “moderação” era, literalmente, “estar aquém e além da lei”. Ou seja, ter a liberdade de, conforme a situação, ser mais rigoroso do que a lei exige e, em outra situação, ser mais flexível do que a lei permite.

Isso se parece muito com o que Paulo fazia, ao ser rigidamente judeu com

os judeus rígidos, e também para poder ser liberal entre os liberais, para “por todos os meios tentar salvar alguns” (pois ambos, rígidos e liberais, estão perdidos sem o Salvador). Só com essa liberdade podemos deixar de ser sisudos e permitir, por exemplo, que crianças sejam crianças e brinquem e façam barulho (e assim se aproximem de Jesus), mesmo enquanto nós adultos estamos compenetrados tentando prestar atenção numa pregação (provavelmente foi nesse tipo de situação que Jesus disse “deixai vir a mim as criancinhas”).

Foi essa liberdade no Espírito que fez Jesus poder circular nas festas de publicanos e gentios pecadores, e também nas casas dos fariseus, e fazer vinho para animar a festa de casamento. Quem de nossas igrejas teria essa “moderação”, essa liberdade em relação à lei? Só quem viver pela fé...

Apesar de, pessoalmente, eu ser mais inibido e reservado que a maioria das pessoas, e portanto não ser nenhum exemplo expressivo de alegria no dia a dia, posso testemunhar que a alegria de me saber em paz com Deus fez destes últimos anos tempos muito mais felizes que os primeiros. Esta é minha oração também para você.

9. A SANTA CEIA

I Coríntios 11

O Senhor Jesus instituiu a Ceia como um momento sagrado, uma preciosíssima ferramenta, vital para a saúde da comunidade dos seus discípulos, a sua Igreja. Nessa Ceia, também chamada de santa ceia ou de eucaristia, está retratado o cerne do evangelho, o fundamento de todas essas boas notícias que temos descrito aqui. A Ceia do Senhor é, então, um momento de contato com o que realmente importa, com o que não pode ser deixado em segundo plano nem esquecido, com a maior de todas as bênçãos que Deus nos deu.

Mais uma vez, porém, vemos com tristeza que exatamente aquilo que era para ser canal de bênção e expressão maior do amor de Deus se converteu em instrumento de medo, temor e controle nas mãos da comunidade humana e, ainda pior, na mão de uma imagem de um Deus terrível e castigador. Em vez da reunião da Ceia celebrar nossa salvação, para muitos irmãos e irmãs, o dia da Ceia é dia de dúvidas, tormentos e resignação. Certamente não foi essa a intenção do nosso Senhor.

A culpa pelo medo também não pode ser simplesmente creditada aos pastores, embora eles têm sido o principal meio de transmissão do medo. O problema está na interpretação errada de uma passagem das escrituras, mais especificamente I Coríntios 11.27-29: “*Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma do pão e beba do cálice; pois quem come e bebe, sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si.*”

Primeiramente observe que nas narrativas dos evangelhos não aparece nenhuma advertência desse tipo. Pelo contrário, Judas ainda está presente e não é excluído da celebração. Por isso é muito importante entendermos o que está acontecendo com os coríntios, para eles receberem advertências tão fortes.

O Modo Digno

Na celebração na igreja, geralmente começamos a leitura no verso 23 (“*porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei:...*”). Para entendermos o que Paulo está dizendo ao falar em participar indignamente, deveríamos começar a leitura um pouquinho antes, no verso 17:

“Nisto, porém, que vos prescrevo, não vos louvo, porquanto vos ajuntais não para melhor, e sim para pior. Porque antes de tudo estou informado haver divisões entre vós quando vos reunis na igreja; e eu em parte o creio. Porque até mesmo importa que haja partidos entre vós, para que também os aprovados se tornem conhecidos em vosso meio. Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis. Porque, ao comerdes, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague. Não tendes porventura casas onde comer e beber? Ou menosprezais a igreja de Deus, e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto certamente não vos louvo. Porque eu recebi do Senhor...”

É disso que Paulo está falando quando, 5 versos adiante, condena quem comer a Ceia indignamente. Note que Paulo usa um advérbio, não um adjetivo: ele fala “indignamente”, não “indigno”. Advérbios se referem aos verbos, a uma ação. Adjetivos se referem aos sujeitos, às pessoas. Com isso quero dizer que Paulo não condena qualquer que comer “estando indigno”, como tem

sido entendido nas igrejas. Ele se refere ao modo de celebrar, ao jeito como os coríntios estavam fazendo, cada um por si e sem se importar com os outros. A Ceia na igreja primitiva era parte de um jantar, assim como a Ceia original, da Páscoa, que Jesus celebrou com seus discípulos. Talvez por medo de repetir os erros dos Coríntios, as igrejas com o tempo acabaram eliminando o jantar, e fazendo somente a cerimônia do pão e do vinho.

O problema em Corinto era que, assim como em nossas igrejas hoje, havia diferenças sociais entre os membros (“os que nada têm”). Então o jantar era marcado, por exemplo, para as 20 horas, e a maioria dos membros chegava na hora. Mas havia aqueles irmãos que eram escravos, e que tinham primeiro de servir a seus senhores, servir-lhes o jantar, lavar a louça e arrumar a cozinha, e só então os senhores permitiam que eles fossem à Igreja. Quando estes chegavam (talvez lá pelas 9 e meia ou 10 horas), já não havia mais comida nem bebida, e esses irmãozinhos então ficavam passando fome (e talvez ainda tivessem que ouvir um dirigente da igreja reclamar dos que não chegam na hora...). O clima era de fim de festa, com alguns mais exagerados tendo bebido vinho demais. Por isso Paulo, depois de ter dado a bronca e as advertências, resume tudo nos versos 33 e 34: *“Assim, pois, irmãos meus, quando vos reunis para comer, esperai uns pelos outros. Se alguém tem fome, coma em casa, a fim de não vos reunirdes para juízo.”* Esse era o modo digno de celebrar a Ceia, e só isso. Em nenhuma parte há sugestão de alguém decidir não participar da Ceia, ou de alguém ser excluído da Ceia. A Bíblia dá as orientações e sempre termina com o convite para participarmos, nunca para ficarmos de fora, como fazemos nas igrejas (“examine-se a si mesmo, e assim coma”). Esse é o significado do Corpo de Cristo: todos os crentes juntos, ninguém excluído da comunhão. Reforça esse sentido o fato de que, na Ceia original, Jesus acolheu até Judas, o traidor.

O Significado

Nessas instruções Paulo utiliza duas formas de descrever o problema: participar dos elementos da Ceia de modo indigno, e participar sem discernir o corpo. A solução apontada é a mesma: fazer um auto-exame antes de participar, julgar-se a si mesmo.

São duas as coisas que Jesus quer que não esqueçamos: o fato de que ele

morreu em nosso lugar, para pagar os nossos pecados (“este é o meu corpo, que é dado por vós”), e o fato de que, com sua morte, Jesus fez começar a valer a nova aliança entre Deus e nós, um novo pacto, como se fosse um novo casamento (“este cálice é a nova aliança no meu sangue”). É aquela aliança, profetizada em Jeremias 31.31, pela qual os pecados são finalmente perdoados e todos passamos a conhecer o Senhor. Por isso, algumas horas depois, no exato momento em que Jesus morre na cruz, o véu do templo se rasgou, deixando claro o fim da velha aliança, e que Deus não mais morava no templo em Jerusalém. Agora tudo e todos estão centralizados no corpo de Cristo, o mesmo que Ele deu por nós.

Portanto temos, sim, o que celebrar: fomos salvos pelo amor de Jesus. Mas essa celebração não é uma festa de aniversário, ou uma comemoração de Copa do Mundo. Como diz o verso 26 de I Coríntios 11, todas as vezes que comemos do pão e bebemos do cálice estamos anunciando a morte de Jesus. E isso vai ser assim até que ele volte para nos buscar. Até lá é muito importante que não nos esqueçamos disso: houve uma morte, Jesus precisou morrer para que nós pudéssemos viver. Então é uma festa junto de um enterro, talvez parecido com o que vemos nos filmes americanos, onde aparece esse estranho costume de aproveitar o funeral de um parente para comer e beber com os familiares e amigos.

É verdade que nós sabemos que Jesus ressuscitou. Mas a Santa Ceia foi instituída para não nos esquecermos de que Jesus morreu, e de por que Ele morreu. Esse era o problema em Corinto: interessados no jantar e cada um em satisfazer a sua fome, divididos em grupos (situação em que geralmente achamos que o problema são os outros), eles já não estavam mais distinguindo que naquele momento o pão era diferente do da noite anterior, e que o vinho não era uma simples bebida: eram o corpo e o sangue de Jesus, que morreu para nos dar vida, porque nós estamos mortos em nossos pecados.

Os coríntios estavam, por assim dizer, fazendo uma “festa no velório”, pensando cada um em si e no seu grupinho, praticamente ignorando a morte de Jesus. Só que a morte de Jesus é o centro dessa cerimônia: ela está lá representada, está por assim dizer “acontecendo” na Ceia, recriando aquela

noite da quinta para a sexta-feira santa. Então, em vez de participar como discípulos da Páscoa da morte que nos liberta, aquela festança de cada um por si da igreja se parecia mais com os judeus de Jerusalém que diante de Pilatos gritavam “Crucifica-o! Crucifica-o!” Eles devem ter saído satisfeitos com o resultado daquele julgamento, porque quando Pilatos lavou as mãos dizendo que estava livre do sangue desse justo, o povo respondeu: “caia seu sangue sobre nós e sobre nossos filhos”. É isso que descreve o verso 27 de I Coríntios 11: *“De modo que qualquer que comer do pão, ou beber do cálice do Senhor indignamente [=de maneira inconveniente], será culpado do corpo e do sangue do Senhor.”* E também os versos seguintes: *“Porque quem come e bebe, come e bebe para sua própria condenação, se não discernir o corpo do Senhor. Por causa disto há entre vós muitos fracos e enfermos, e muitos que dormem”*.

Em nossas igrejas geralmente não estamos fazendo a “festança no velório” como os coríntios. Aliás, muito pelo contrário: por não darmos atenção para saber quais os erros deles, e apenas darmos atenção para as correções recebidas por Paulo, nosso desvio foi para o lado oposto: temos estado cheios de medo de errar, e esse desvio acaba nos conduzindo ao mesmo tipo de erro: ficamos cada um extremamente preocupado consigo próprio, e por isso o significado do corpo e do sangue de Jesus também acaba “sub-utilizado”, prejudicado por nossos temores. Acabamos com a deliciosa comunhão em torno da mesa, e ficamos como que inventando problemas para “merecer” as correções dadas aos Coríntios. Já vi muitas igrejas anexarem ao contexto da Ceia uma recomendação de Jesus dada sobre ofertas: “se trouxeres tua oferta e ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa no altar tua oferta e vai e te reconcilia primeiro com teu irmão”. Esse texto deveria ser utilizado no momento dos dízimos e ofertas, não no momento de celebrar a Ceia do Senhor. Lá no seu lugar ele iria talvez diminuir as receitas da igreja, mas faria o bem de promover reconciliações e aumentar as riquezas eternas. Já na hora da Ceia, embora usado com boas intenções, ele serve para desviar a atenção do sacrifício de Cristo, para focar em nossos problemas pessoais de consciência. Move o clima do amor para um clima de medo, de filhos para escravos.

Por isso a solução é cada um parar para se examinar, julgar-se a si mesmo, antes de participar. Veja bem: não é para se examinar para ver se você pode ou não participar. Em nenhum momento, nem aqui nem nos evangelhos, se fala de deixar de tomar a Ceia. O que o texto diz é *“examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma do pão e beba do cálice”* (vs 28). Como é isso? Se eu me examinar, o que vou encontrar? As boas obras que fiz, a leitura diária da Bíblia, o dízimo em dia, as ofensas devidamente desculpadas? Não. Se eu me examinar, vou chegar na mesma situação de I João 1: se eu disser que não tenho pecado, estarei me enganando.

Portanto a chamada para o exame, na nova aliança, serve exatamente ao propósito contrário do que o regime do medo buscava: se éramos tentados a verificar se estamos “zerados” no campo do pecado, na nova aliança é o oposto: o auto-exame vai me conscientizar de que “sim, sou crente há 20 anos em Jesus, mas continuo pecador/a, continuo precisando de um Salvador que morreu por mim”. “Sim, sou líder na igreja, evangélico de destaque, mas eu mereço morrer, porque meu coração é pecador; dependo de Jesus para ser salvo”. Então estaremos prontos para celebrar, com respeito, alegria e gratidão, Aquele que deu sua vida por nós, e promoveu a reconciliação com Deus pelo seu sangue, pagando e removendo todos os nossos pecados. Realmente nunca devemos esquecer de Jesus, e é para isso que a Ceia serve. E Deus é tão bom que, conforme os versos 31 e 32, até aqueles irmãos que celebram de modo totalmente errado, indignamente, “são disciplinados pelo Senhor para não sermos condenados com o mundo”. Estamos na nova aliança, em que somos filhos e não mais escravos. Como todo filho, receberemos a correção que for necessária, mas não somos expulsos de volta para o mundo. E, provavelmente desejando tirar qualquer tom mais dramático, Paulo finaliza pedindo que apenas “esperem uns pelos outros” quando se reunirem para o jantar da Ceia (v. 33).

Então, meu irmão, minha irmã, examine-se, para nunca se esquecer de que você é pecador, e participe da Ceia com gratidão: foi por pecadores como você que Jesus morreu. Não há o que temer: há o que lembrar, até que Ele volte: Jesus morreu por mim, e também por meus irmãos e irmãs (que são tão pecadores quanto eu). Somos membros desse Corpo, filhos e filhas de Deus e membros uns dos outros, por causa de Jesus. Não nos esqueçamos dele.